

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA**

IRACEMA ALEIXO CHAVEIRO MOURA

EMPATIA E IDENTIDADE:
a importância da perspectiva surda na obra **Patinho Surdo**, de Fabiano Rosa e Lodenir
Karnopp

**APARECIDA DE GOIÂNIA
2023**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Iracema Aleixo Chaveiro Moura

Matrícula: 20201090080270

Título do Trabalho: EMPATIA E IDENTIDADE: a importância da perspectiva surda na obra Patinho Surdo, de Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____(Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 05/01/2023.
Local Data

Iracema Aleixo Chaveiro Moura

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

IRACEMA ALEIXO CHAVEIRO MOURA

EMPATIA E IDENTIDADE:

a importância da perspectiva surda na obra **Patinho Surdo**, de Fabiano Rosa e Lodenir
Karnopp

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Bilíngue.

Orientador: Prof. Dr. Alexssandro Ribeiro Moura
Coorientador: Prof. Me. Diego Leonardo Pereira Vaz.

APARECIDA DE GOIÂNIA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M929 Moura, Iracema Aleixo Chaveiro
Empatia e identidade: a importância da perspectiva surda na obra
Patinho Surdo, de Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp / Iracema Aleixo
Chaveiro Moura. - Aparecida de Goiânia, 2023.
65 f. ; il.

Orientador: Dr. Alexssandro Ribeiro Moura.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de
Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia,
Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, 2023.

1. Educação bilíngue. 2. Literatura surda. 3. Letramento literário. 4.
Letramento visual. I. Título.

CDD 371.912

Catalogação na publicação:
Thalita Franco dos Santos Dutra – CRB 1/2186



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

TERMO DE APROVAÇÃO

IRACEMA ALEIXO CHAVEIRO MOURA

EMPATIA E IDENTIDADE: a importância da perspectiva surda na obra Patinho Surdo, de Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Aparecida de Goiânia como requisito parcial para a obtenção do título de **Licenciada em Pedagogia Bilíngue** e desenvolvido na linha de pesquisa **Língua (gem), Educação e Cultura** sob orientação do Prof. Dr. Alexssandro Ribeiro Moura e co-orientação do Prof. Me. Diego Leonardo Pereira Vaz.

Aprovado em 28 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Alexssandro Ribeiro Moura (Presidente - orientador)

(assinado eletronicamente)

Prof. Dra. Waléria Batista da Silva Vaz Mendes (Membro Interno)

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Fabiano Souto Rosa (Membro Externo)

Documento assinado eletronicamente por:

- **Fabiano Souto Rosa, Fabiano Souto Rosa - Docente - Universidade Federal de Pelotas (Ufpel) (92242080000100)**, em 06/12/2023 23:04:55.
- **Waleria Batista da Silva Vaz Mendes, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 06/12/2023 10:46:47.
- **Alexssandro Ribeiro Moura, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 05/12/2023 16:26:17.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 01/12/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 484281

Código de Autenticação: 0452413899



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Avenida Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO, CEP 74968-755
(62) 3507-5959 (ramal: 5959)

Dedico este trabalho a Deus. Nada seria possível sem Ele.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, expresso minha gratidão ao meu Deus por seu imenso amor e misericórdia, pois estive sempre ao meu lado.

Agradeço ao meu esposo Juliano Moura, meu filho Isaac Moura, amigos e membros da minha família por terem fornecido seu apoio quando mais precisava.

Gratidão a todos os professores por sua dedicação, paciência e apoio nas minhas dificuldades.

Agradeço aos professores que me orientaram, Alexssandro Moura e Diego Vaz, que foram essenciais para minha formação e desenvolvimento neste trabalho.

Obrigado a todos, e que Deus os abençoe.

RESUMO

A análise desta pesquisa tem como objetivo discutir a importância do papel do ensino da literatura surda no processo de alfabetização e letramento de crianças surdas e ouvintes. Nesse sentido, serão feitas reflexões sobre empatia e identidade na importância da perspectiva surda a partir da leitura crítica da obra **Patinho Surdo**, de Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp, na qual são abordados tópicos referentes à literatura surda, letramento literário, linguístico e visual, bem como as formas pelas quais esses conceitos desempenham um papel significativo no processo de aquisição de linguagem e desenvolvimento de habilidades de leitura. O estudo tem como objetivo refletir sobre a educação bilíngue e a importância da literatura surda no ensino-aprendizagem, analisar como o letramento literário e visual ajudam as crianças a desenvolverem habilidades de leitura e mostrar o protagonismo e a representatividade encontrada na obra. Para ajudar a atingir esses objetivos, foi feita uma busca qualitativa e analítica de apoio teórico de autores que refletem sobre Educação Bilíngue, Formação de Professores, Letramento Literário, Letramento Visual e Literatura em Libras. Os principais autores que fundamentam esse percurso são: Baú (2014), Rosa (2011), Karnopp (2006), Strobel (2008), Soares (2020), Abramovich (2006), Mourão (2012), entre outros. Como resultado desse trabalho espera-se que este estudo venha acrescentar conhecimentos que auxiliem futuros profissionais da educação no desenvolvimento de uma pedagogia apropriada à educação bilíngue Libras/Português. A análise da obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) pode trazer exemplos de como a escolha metodológica adequada é útil na educação bilíngue. Além disso, a obra nos faz refletir sobre as relações de poder entre as línguas e o quão importante é ensinar princípios de recepção, diversidade, solidariedade e empatia às crianças bilíngues.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Educação Bilíngue 2. Literatura Surda 3. Letramento Literário 4. Letramento Visual.

ABSTRACT

The analysis of this research aims to discuss the importance of the role of teaching deaf literature in the literacy process of deaf and hearing children. In this sense, reflections on empathy and identity will be made on the importance of the deaf perspective based on the critical reading of the work **Patinho Surdo**, by Fabiano Rosa and Lodenir Karnopp, in which topics relating to deaf literature, literary, linguistic and visual, as well as the ways in which these concepts play a significant role in the process of language acquisition and development of reading skills. It also aims to reflect on bilingual education and the importance of deaf literature in teaching-learning, analyze how literary and visual literacy helps children develop reading skills and show the protagonism and representation found in the work. To help achieve this objective, a qualitative and analytical search for theoretical support was carried out from authors who reflect on Bilingual Education, Teacher Training, Literary Literacy, Visual Literacy and Literature in Libras. The main authors who support this path are: Baú (2014), Rosa (2011)", Karnopp (2006), Strobel (2008), Soares (2020), Abramovich (2006), Mourão (2012), among others. As a result of this work, it is expected that this study will add knowledge that will assist future education professionals in developing a pedagogy appropriate to Libras/Portuguese bilingual education. The analysis of the work **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) can provide examples of how the methodological choice is useful in bilingual education. Furthermore, the work makes us reflect on the power relations between languages and how important it is to teach principles of reception, diversity, solidarity and empathy to bilingual children.

KEYWORDS: 1. Bilingual Education 2. Deaf Literature 3. Literary Literacy 4. Visual Literacy

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Capa do Livro Patinho Surdo	27
Figura 2 Sinalização com as mãos, forma natural de comunicação.....	35
Figura 3 Comunicação e interação através da linguagem	41
Figura 4 O sapo intérprete.....	43
Figura 5 As diferenças culturais.....	49
Figura 6 Mamãe pata quando foi desovar	54
Figura 7 Patinho surdo sentindo as diferenças físicas e linguísticas.....	55
Figura 8 A volta para casa	57
Figura 9 Sinal em Libras do Patinho Surdo.....	58
Figura 10 Glossário com sinais em Libras referentes à escrita em língua portuguesa	59
Figura 11 Ilustração do final do livro	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. EDUCAÇÃO BILÍNGUE, LITERATURA SURDA E IDENTIDADE	18
1.1 Por uma educação bilíngue de qualidade.....	18
1.2 A literatura surda em suas diversas vertentes.....	24
2. LETRAMENTO VISUAL E LETRAMENTO LITERÁRIO PARA A CRIANÇA SURDA (E OUVINTE).....	32
2.1 A leitura de imagens como primeiro letramento.....	32
2.2 Construção dos sentidos literários diante das culturas surda e ouvinte.....	39
3. PROTAGONISMO E REPRESENTATIVIDADE EM PATINHO SURDO	47
3.1 A criança surda em destaque.....	47
3.2 Linguagem verbal e ilustração na obra de Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS.....	64

INTRODUÇÃO

Entre os grandes desafios do ambiente educacional na área da educação de surdos, percebe-se a necessidade de apresentar à área acadêmica, um aspecto pouco conhecido que é a formação e atuação de professores bilíngues Libras/Português. Este estudo pretende levantar questões a serem aprofundadas e reflexões sobre novos caminhos na educação de surdos e ouvintes dentro de uma abordagem bilíngue na literatura surda infantil. Para isso será feita uma leitura crítica e analítica da obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011). Espera-se, com essa pesquisa, discutir e colaborar para a solução de muitas das dificuldades que atualmente os surdos enfrentam no processo de ensino aprendizagem da L1 (Língua Brasileira de Sinais) e da L2 (Língua Portuguesa).

A escolha desse tema surgiu justamente pela minha própria experiência como aluna na graduação do curso de Pedagogia Bilíngue Libras/Português no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG, Câmpus Aparecida de Goiânia, de onde pude observar que a literatura surda poderia contribuir para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos e ouvintes na educação escolar. Além disso, o contato com a literatura pode proporcionar à criança conhecimento da cultura surda através da leitura de livros infantis ilustrados. É válido destacar a importância de profissionais da área da educação terem conhecimento em Língua Brasileira de Sinais (Libras), e como a literatura surda poderá contribuir nas estratégias metodológicas para o ensino e aprendizagem de Libras e escrita da Língua Portuguesa no processo de alfabetização tanto para surdo quanto para ouvintes.

A educação dos alunos surdos não envolve apenas o aprendizado de ler e escrever, mas também o ensino da Libras, pois muitas crianças surdas entram na instituição escolar sem conhecer sua língua materna. Para trabalhar com os alunos surdos é importante que o professor tenha pelo menos um curso básico de capacitação em Libras e um conhecimento ampla da cultura surda. Além disso, o educador deve refletir e adaptar seu método de ensino, refletindo e revisando sua prática em sua totalidade.

Sendo assim, os alunos surdos precisam se sentir realmente acolhidos no ambiente escolar para se desenvolverem melhor processo no processo de alfabetização e letramento. Para que isso aconteça, os educadores e a comunidade escolar devem estar capacitados para atender a esse público. Devido à mediação da Libras no processo de escrita em língua portuguesa dos alunos surdos, a prática da escrita tem suas próprias particularidades, portanto, é fundamental que os educadores entendam essas peculiaridades para evitar subjugar seus alunos.

Durante meu estágio curricular desenvolvido pela Instituição, pude observar que, para dar aos alunos com surdez a oportunidade de aprender a língua de sinais como primeira língua e o português escrito como segunda língua, as instituições educacionais devem implementar o modelo bilíngue de educação, que é organizado com enfoque nos surdos. A inclusão de alunos surdos no ensino regular necessita mais do que apenas vagas e recursos materiais. Ela requer uma escola e uma sociedade que sejam bilíngues, com educadores qualificados e comprometidos com uma educação de todos.

Esta pesquisa tem como objetivo expandir os conceitos sobre literatura surda utilizando a obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) e demonstrando como as escolas podem usá-la, principalmente em relação à alfabetização e letramento dos alunos surdos, com enfoque na educação bilíngue. Para ajudar a atingir esse objetivo, busquei suporte teórico de autores que trabalham sobre Educação Bilíngue, Formação de Professores, Letramento Literário, Letramento Visual e Literatura em Libras. Os principais autores que fundamentam esse percurso são: Baú (2014), Rosa (2011), Karnopp (2006), Strobel (2008), Soares (2020), Abramovich (2006), Mourão (2012), entre outros. Os autores do objeto de estudo desta pesquisa recorrem à obra clássica **Patinho Feio** e constroem uma obra voltada à realidade das crianças surdas **Patinho Surdo**. No estilo da literatura surda, a obra traz o clássico da literatura adaptado à realidade cotidiana desses alunos. Na obra **Patinho Surdo**, vemos ilustrações com linguagem de sinais e a abordagem de conflitos encontrados por crianças surdas dentro da sociedade em que vivem. O professor pode fazer uso da obra em uma pedagogia apropriada para crianças dessa comunidade.

Portanto, buscamos compreender através da análise do material bibliográfico as questões fundamentais para esta pesquisa. Na perspectiva acadêmica, acredita-se que o desenvolvimento cognitivo, social e cultural dos alunos surdos e sua consciência da necessidade de reflexão crítica devem ser considerados no processo formativo. Nesse sentido, como nem todos os conteúdos da Língua Portuguesa são projetados para atender às necessidades dos alunos surdos, a literatura surda vem preencher essa lacuna, dessa forma, a “literatura de forma geral possibilita a transmissão de cultura, conhecimento e visão de mundo, viabilizando ainda o desenvolvimento da memória, da concentração e da criatividade da criança” (Schlemper, 2017, p.1). Mas para que isso aconteça também com o aluno surdo é necessário incluir no currículo uma literatura adaptada à sua realidade, pois assim supre o letramento literário necessário para esse alcance cognitivo.

Muitos educadores enfrentam dificuldades ao ensinar conteúdos aos alunos surdos por não conhecerem a linguagem de sinais. Com isso, o estudante surdo fica quase sempre em

segundo plano, enfrentando dificuldades no aprendizado da escrita em língua portuguesa. Para desenvolver o conhecimento o aluno surdo precisa aprender e ser educado na sua língua materna, que para ele é a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e, preferencialmente, com professores surdos ou bilíngues Libras/Português. Só assim estes alunos poderão se apropriar da modalidade escrita da língua portuguesa com mais eficiência.

Como resultado da leitura crítica feita da obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011), este estudo propõe uma reflexão sobre letramento visual e letramento literário que pode ajudar os professores a suprirem a dificuldade em ensinar alunos da educação infantil bilíngue. Escolhi o caminho metodológico que incorpora elementos de pesquisa qualitativa para subsidiar o trabalho, fundamentando-se em teorias contemporâneas de educação infantil para surdos, de letramento literário e visual e em estudos sobre literatura infantil e literatura em libras.

Os profissionais docentes precisam estar qualificados para receber essas crianças surdas, integrá-las ao cotidiano escolar e mediar a leitura de literatura surda a fim de proporcionar o letramento literário, linguístico e visual. Para isso devem ser capacitados e terem formação na educação Bilíngue, além de competências e flexibilidades na ação pedagógica.

Nesse sentido, esta pesquisa busca contemplar sobre os seguintes pontos:

1) Refletir sobre a educação bilíngue e a importância da literatura surda no ensino-aprendizagem das crianças surdas e ouvintes, através da leitura da obra **Patinho Surdo**, de Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2011).

2) Analisar como o letramento literário e o letramento visual podem ajudar no desenvolvimento de habilidades de leitura para o público infantil.

3) Mostrar o protagonismo e a representatividade encontrados na obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) e como esse reconto pode ajudar na educação das crianças.

Para realização da nossa pesquisa, partimos de uma discussão sobre o quão importante é ter treinamento adequado para educadores que ensinam a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais, bem como determinar o tipo de formação que os professores devem receber como parte de sua formação com base nas Leis brasileiras.

No primeiro capítulo, iniciamos reflexões destinadas à formação de profissionais da educação básica. Em princípio, será feita uma reflexão sobre uma educação bilíngue de qualidade que deve abranger os seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, complementando a ação da família e da comunidade. Demonstraremos como essa educação deve ser inclusiva, realizada de forma gradual e dinâmica. Mostraremos como parte da Lei

que abrange essa educação deve ser realizada. Em seguida, são apresentadas as principais características da educação bilíngue de surdos, aponta-se também como a falta de formação específica tem sido um desafio para os professores e como a literatura surda e suas várias vertentes vêm ganhando espaço no ambiente escolar. A obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) será evidenciada como demonstração dessa presença importante da literatura surda.

A leitura e a escrita são ferramentas essenciais para uma integração do indivíduo no meio social, o que lhes permite compreender o mundo em que vive e atuar como protagonista de uma história própria. A escola desempenha um papel fundamental nesse processo, pois é lá que a verdadeira compreensão do ato de ler surge. A escola tem a responsabilidade de promover o prazer pela leitura e dar aos alunos as oportunidades de participar do processo de construção de conhecimentos pessoais por meio de métodos didáticos adequados.

No segundo capítulo, abordamos como o letramento visual e o letramento literário são importantes para o desenvolvimento de habilidades dos leitores crianças. Será feita uma análise sobre como a leitura de imagens leva a criança a processar mais facilmente o conteúdo desejado, e como esse campo de estudo facilita a aprendizagem através da visão. Em seguida, refletimos sobre o letramento literário e como ele tem sido importante para uma pedagogia bilíngue no ensino de crianças surdas. A leitura de obras literárias ajuda no relacionamento com o outro e uma obra adaptada para o ensino do aluno surdo pode ajudar no fortalecimento da identidade, da cultura e do conhecimento de si próprio. No capítulo, também refletiremos sobre a construção dos sentidos literários diante das culturas surda e ouvinte, observando que o termo letramento foi trazido para esclarecer ainda mais o uso de uma literatura que aborda o cotidiano desse aluno. A obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa 2011) é um exemplo de livro que deve ser levado para sala de aula para práticas construtivas de letramento literário e visual.

No terceiro capítulo, realizamos o exercício de análise do objeto de estudo sobre o protagonismo e a representatividade do patinho surdo. Com essa análise, a literatura surda se destaca por suas várias opções de leitura e interpretação, o que ajuda muito os alunos a desenvolverem suas habilidades reflexivas e criativas. Neste ponto de vista, o objetivo não é apenas discutir a importância desse processo, mas também descobrir como ele pode ser didático. O trabalho que desenvolvemos examina essas questões tanto na teoria quanto na prática, levando em consideração os desafios que os professores enfrentam e a função da escola nesse esforço.

Assim, o terceiro capítulo aborda o protagonismo e a representatividade na obra **Patinho Surdo** (Karnopp, Rosa, 2011). Demonstra como a criança surda se destaca tendo

contato com essa obra literária e aponta as dificuldades desta criança inserida em uma cultura de ouvintes, que falam português. Em continuidade, refletimos também sobre a linguagem verbal e a ilustração ao longo da obra analisada nesta pesquisa. Observamos as dificuldades encontradas por crianças surdas frente a uma sociedade de ouvintes e a obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) foi um canal para trazer à tona todas essas questões encontradas na educação de crianças surdas.

Partindo desse pressuposto, procuramos apresentar um pouco do enredo da obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011), no qual o protagonista descobriu sua história de vida ao reencontrar surdos e aprender com eles a Língua de Sinais da Lagoa. O texto destaca a importância do papel do intérprete na comunicação entre indivíduos surdos e ouvintes e discute as diferenças linguísticas na família e na sociedade. Comunicar-se com pessoas surdas de maneira inclusiva é essencial para a construção de uma sociedade justa. Para isso, é importante ter um bom diálogo e compreender características da cultura surda, demonstrando empatia e identificação com ela.

A libras é a língua visual-espacial dos surdos brasileiros, diferente do português brasileiro, que é oral-auditivo. Nesse sentido, a educação dos surdos é um assunto indispensável para a comunidade surda do país e para toda a população brasileira. Portanto, as escolas inclusivas sugerem que os alunos surdos podem ser incluídos em escolas regulares cujos professores e alunos em geral são ouvintes. No entanto, muitos surdos se opõem a essa ideia, afirmando que ao serem inseridos em escolas regulares, geralmente se sentem sozinhos e desestimulados, pois são os únicos alunos que se comunicam em libras e partilham de sua cultura, o que torna impossível. Por outro lado, as escolas bilíngues são projetadas especificamente para surdos e permitem que os alunos se comuniquem em libras e português brasileiro como segunda língua escrita ou interajam diretamente com professores e colegas surdos sem a necessidade de um intérprete. Portanto, no decorrer deste trabalho, comparamos a importância desse modelo de educação bilíngue, que se difere da educação inclusiva, pois, oferece aos surdos melhores oportunidades de desenvolvimento em todos os aspectos por meio de sua primeira língua.

1. EDUCAÇÃO BILÍNGUE, LITERATURA SURDA E IDENTIDADE

Neste capítulo, exploramos diversos tópicos relacionados à educação bilíngue. Discutimos a necessidade de se formar profissionais com proficiência na língua alvo, destacando a importância da graduação em Licenciatura em Pedagogia com ênfase em Libras/Português. Além disso, abordamos a relevância de introduzir a Literatura Surda às crianças o mais cedo possível, fomentando o desenvolvimento afetivo e abordando aspectos ligados à identidade cultural, social e cognitiva.

1.1 Por uma educação bilíngue de qualidade

Recentemente foi sancionada a Lei 14.191 (Brasil, 2021), que inclui uma educação bilíngue para surdos na Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), como uma opção de ensino independente, embora tenha sido anteriormente incluída como parte da educação especial. Esta Lei estabelece que a educação de surdos no Brasil se distingue da educação especial e prioriza o respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdocegas e com deficiência auditiva. Além disso, a educação bilíngue é definida como tendo a língua brasileira de sinais, como primeira língua e o português escrito como segunda língua, como exposto no Art. 60-A, ao afirmar que “entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua” (Brasil, 1996).

Além disso, no art. 60, § 2º, lemos que “A oferta de educação bilíngue de surdos terá início ao zero ano, na educação infantil, e se estenderá ao longo da vida” (Brasil, 1996). E as escolas devem fornecer apoio educacional especializado para atender às especificidades linguísticas dos alunos surdos. Isso significa que as instituições não podem impedir que os alunos surdos frequentem aulas regulares de acordo com uma escolha dos pais, responsáveis ou do próprio aluno. Portanto, a surdez agora é percebida e tratada com precisão.

A educação infantil é caracterizada pela Lei nº 9.394/1996, também conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). A Lei estabelece, em seu artigo 29, que “a primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Brasil, 1996). Esta é a fase em que as crianças estão tendo os primeiros contatos com a escola e pode afetar toda uma vida de

aprendizado que se seguirá, por isso, é de suma importância e necessidade um cuidado especial vindo da parte dos professores, com um acompanhamento familiar ativo.

Em relação à criança surda, esse cuidado deve ser ainda maior, pois a criança com essa deficiência tem que lidar com o bilinguismo, ou seja, desenvolver sua língua e aprender a língua dos ouvintes. É comum os surdos lidarem com situações de diferenças do ser surdo e do ser ouvinte, além de lidarem com o comportamento social de tentar impor a esse surdo a oralidade como forma de uma língua extremamente necessária ao aprendizado. Atualmente os surdos vêm conquistando seu espaço na sociedade, mas existem restrições que impedem que a inclusão ocorra de modo pleno.

Segundo Baú (2014), a inclusão na educação é um processo gradual, dinâmico e em modificação e para que uma educação inclusiva seja realmente eficaz vários caminhos estão sendo encontrados, um deles é a capacitação dos professores. Baú afirma que, “tendo em vista que a inclusão se aplica a todos, o professor tem um papel fundamental na escola e como principal desafio, construir e pôr em prática uma pedagogia capaz de atender e incluir os alunos com características pessoais e de aprendizagem que necessitam de uma pedagogia diferenciada” (2014, p. 52). Em concordância com a autora, para ser uma pedagogia diferenciada, além dos desafios da diversificação, é necessário garantir que todos os alunos tenham acesso à cultura e se apropriem dela, e deve-se criar neste local um ambiente de aprendizagem, aceitando a diversidade e valorizando as diferenças.

A LDB estabelece, em seu artigo 59, inciso III, que são necessários “[...] professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular, capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns” (Brasil, 1996). Trabalhar com a inclusão requer do professor um envolvimento maior na sua prática e atenção, ter domínio da área de conhecimento, didática, planejamento, criatividade, comunicação, comprometimento e empatia para que seu trabalho estimule o desenvolvimento da criança através do seu ensino. Além disso, o docente deve ser capaz de lidar com os conflitos surgidos em sala de aula.

Muitas vezes, quando se fala em educação bilíngue, vem à mente ensinar línguas estrangeiras às crianças, mas o bilinguismo em Libras propõe uma interação na sua língua materna, língua de sinais e na língua oficial do seu país, no nosso caso, o Português. Para que isso ocorra, os profissionais da educação necessitam de proficiência com os dois idiomas, ou seja, trabalhar com as duas línguas dentro da sala de aula. A profissão de professor é reconhecida como uma das mais importantes no país, porém, iniciar-se com uma formação

adequada serve como base para construir profissionais mais competentes, críticos, éticos e humanos, além de proporcionar habilidade para dar aulas adequadas.

Para Baú “o grande desafio para as universidades é formar educadores preparados para construir estratégias de ensino e adaptar atividades e conteúdo, não só para os alunos considerados especiais, mas para todos os integrantes de sua classe” (2014, p.50). Atualmente no Brasil, poucas universidades oferecem esta modalidade de ensino para qualificar os profissionais da área educacional bilíngue e uma dessas formação se encontra no estado de Goiás, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG, Câmpus Aparecida de Goiânia, que oferece a graduação em Pedagogia Bilíngue (Licenciatura), uma educação gratuita e de qualidade.

O Instituto oferece aos seus estudantes uma capacidade de domínio e de fluência na formação pedagógica bilíngue qualificada, a fim de formar os profissionais para trabalharem com a educação bilíngue Libras/Português, com metodologia de ensino adequada ao surdo e ao ouvinte. Essa é uma das poucas formações bilíngues existentes no país, o que se encontra na maioria das faculdades é formação em Letras-Libras, que não enfoca no ensino pedagógico bilíngue. Todo profissional em formação educacional deve um dia entrar em contato com sujeito surdo e necessita de pelo menos um conhecimento básico dessa modalidade de comunicação, considerada hoje por Lei uma língua.

A partir das minhas experiências vivenciadas na formação pedagógica bilíngue em Libras/Português, foi possível perceber a importância de ter profissionais docentes para construir e enfrentar os desafios com qualidades a favor da inclusão educacional. A formação desses profissionais promove efetivamente mudanças paradigmáticas e culturais, pois valoriza e desenvolve atuação crítica e consciente, sempre respeitando as diferenças. Segundo Baú:

A educação especial é resultado da mudança de opinião da sociedade, da melhoria das políticas públicas, da pressão imposta ao Estado pelos movimentos sociais, na consolidação de seus direitos como sujeitos sociais e, principalmente, na criação de um novo modelo de projeto educativo para a efetivação da educação inclusiva nas escolas (Baú, 2014, p.50).

Partindo desses pressupostos, a inclusão não se faz sozinha, necessita que ocorra uma série de ações políticas, além disso, o aprendizado dos alunos com deficiência é de responsabilidade de todos os participantes do processo educacional, não apenas dos professores.

Segundo Baú, “a formação de professores de educação especial é elevada do nível médio ao superior, nos anos 1970, quando os cursos de Pedagogia passam a oferecer a Habilitação em Educação Especial” (2014, p.52). Para a autora Michels, durante a década

1980, no Brasil, “a integração foi a base da formação de professores de Educação Especial, [...] neste período se iniciou no Brasil a discussão sobre a necessidade de formar estes profissionais tendo por base a docência na educação infantil e no ensino fundamental” (2017, p.39). De acordo com a Lei de Diretrizes da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 62 – Título dos Profissionais da Educação:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidade e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental a oferecida em nível médio, na modalidade normal (Brasil, 1996).

Esta Lei foi criada com base nos princípios presentes na Constituição Federal (Brasil, 1988), que reafirmam o direito à educação desde a educação básica até o ensino superior. A LDB é a mais importante lei brasileira no que se refere à educação e foi criada para garantir o direito de toda população ter um acesso à educação de qualidade e gratuita. Esta legislação é a que define o regulamento do sistema educacional brasileiro, seja ele público ou privado. A importância da LDB para a educação é fundamental, principalmente para os profissionais da área, pois permite ter conhecimento das diretrizes e, assim, buscar seus direitos como profissionais, lutando por uma educação de melhor qualidade.

Conforme as autoras Vaz; Michels:

No final do século XX e início do XXI foram elaboradas e divulgadas políticas referentes à formação de professores, as quais faziam parte do projeto de Reforma Educacional intensificado na década de 1990. Tais políticas repercutiram na concepção de Educação Especial no país e, conseqüentemente, na formação dos professores para atuar nesse campo específico (Vaz; Michels (2017, p.59).

Segundo Vaz e Michels (2017), neste período, estavam em voga a reforma educacional e a formação de professores e nesse momento houve uma avalanche de ações para garantir que as crianças pudessem ir à escola. Com isso, podemos perceber que “as mudanças, visando à formação de professores para atuar na educação inclusiva, podem contribuir expressivamente para que as transformações nas escolas aconteçam de fato” (Baú, 2014, p.55).

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é um sistema linguístico usado entre pessoas surdas para se comunicar e foi reconhecida como língua oficial no Brasil, regulamentada pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (Brasil, 2002), que foi um marco para a comunidade surda brasileira. E, a partir do Decreto 5. 626/05 (Brasil, 2005), as propostas educacionais começam a ser construídas e, com isso, os surdos passam a ter direito ao conhecimento da língua. Sendo a Libras sua primeira língua, o Português, a sua segunda, utilizada na

modalidade escrita, a educação passa a ser bilíngue, capacitando o surdo a fazer o uso das duas línguas, possibilitando a constituição de conhecimento de mundo, além de proporcionar ao surdo a compreensão do significado do que lê (Brasil, 1996).

A educação bilíngue é um processo de aprendizagem realizado em duas línguas: uma língua materna (L1) e uma segunda língua (L2). Essa educação costuma ser adotada na escola bilíngue e na escola tradicional, sendo o foco na primeira. No caso de crianças surdas, a língua materna é a língua de sinais, e a língua alvo é o português (no caso de crianças brasileiras). Conforme publicação da Agência de Notícias da Câmara dos Deputados Federais:

O Projeto de Lei 4909/20, do Senado Federal, determina a educação bilíngue de surdos como uma modalidade de ensino independente, com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e o português escrito como segunda língua. O texto que veio do Senado inclui na LDB, entre os princípios do ensino no País, o “respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdocegas e com deficiência auditiva”. Também acrescenta à LDB o capítulo “Da Educação Bilíngue de Surdos”. Ainda de acordo com a proposta, a educação bilíngue – de caráter opcional – será feita em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos. O público a ser atendido será de educandos surdos, surdocegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com deficiências associadas (Agência Câmara de Notícias, 2021).

A educação bilíngue é uma proposta que possibilita ofertar ao surdo, na escola, uma educação intercultural com o objetivo de lhes proporcionar a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades e especificidades e a valorização de sua língua e cultura. Trata-se de um projeto que atende às demandas da comunidade surda brasileira, possibilita a inclusão desse público na sociedade e esclarece que não se trata de educação especial.

O Câmpus Palhoça Bilíngue do IFSC é um exemplo de instituição que prioriza a educação bilíngue em Libras/Português. Seu projeto político pedagógico traz uma perspectiva ao público brasileiro de interação eficaz entre surdos e ouvintes no ambiente educacional e profissional. Além de fornecer formação às pessoas surdas, o Câmpus Palhoça Bilíngue também proporciona formar sujeitos conhecedores das especificidades da comunidade surda.

De acordo com a escola Bilíngue *Sunrise School* de Osasco, estado de São Paulo (2021), o ensino bilíngue costuma se apoiar em três pilares: o social, o cultural e o linguístico, fundamentando-se na ideia de que a educação de surdos deve ir além do simples aprendizado ortográfico. Esses três pilares são a base de um processo de aprendizagem mais imersivo, que realmente produz falantes fluentes da língua e que reflete o que indica a LDB sobre o fato de esse ensino ter que respeitar a diversidade cultural. O pilar social considera o envolvimento da criança na sociedade. Ele leva não só ao aprendizado de regras linguísticas, mas do uso social

dessas regras. Quando se aprende uma língua, aprende-se também a cultura de um povo, isso se relaciona ao segundo pilar, que considera o fato de a língua ser impregnada de fatores culturais que devem ser levados em conta no ensino. Já o pilar linguístico considera o aprendizado total da língua, de seus mecanismos e regras, e envolve o entendimento auditivo, escrito e a capacidade de falar fluentemente.

É importante observar esses três pilares no ensino bilíngue e relacioná-los diretamente com as principais metodologias de aprendizagem contemporânea. Essa relação fica nítida quando pensamos na definição de letramento, que envolve o aprendizado com a realidade social e cultural do aluno. Segundo Soares, “letramento é a capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos” (Soares, 2020, p.27). Para que isso aconteça os sujeitos precisam de habilidades prévias como memória visual, o reconhecimento de objetos e imagens para ler e escrever.

Dentro desse projeto bilíngue, utilizam-se muitas áreas do conhecimento para construir um projeto pedagógico eficaz para se colocar em prática esse ensino. E uma dessas possibilidades é o uso da literatura surda, que possibilita às pessoas surdas terem capacidades de apreender todo conhecimento de mundo através das criações presentes na obra literária, além de integrar as duas línguas: a língua de sinais e a língua portuguesa. Esse contato com textos literários propicia uma construção de conhecimento individual e coletivo de mundos diferentes, já que, como afirma Abramovich:

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ótica, outra ética. É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos acham que tem cara de aula porque se tiver deixa de ser literatura (Abramovich, 2006, p.17).

Assim, a educação bilíngue deve ser relacionada com o cotidiano pessoal das crianças tanto surdas quanto ouvintes, lembrando os três pilares citados anteriormente, e tem na literatura surda um grande aliado. Com o uso dessa literatura, o ambiente se torna propício ao aprendizado. Fazer uso da literatura por meio de projetos de leitura tem sido um modo eficaz para proporcionar esse letramento.

A educação direcionada para a criança surda tem como objetivo proporcionar desenvolvimento de suas habilidades, revelando, assim, a importância do desenvolvimento e consciência na escrita, oferecendo ao público infantil uma metodologia própria de ensino. Além disso, a educação bilíngue vai permitir às crianças surdas construir uma autoimagem

positiva, pois ao utilizarem a sua primeira língua, elas vão recorrer à língua portuguesa para se integrar com a cultura ouvintista.

Em acordo com Baú (2014), para que uma inclusão seja bem-sucedida as pessoas que participam do processo devem aceitar os obstáculos e acreditar na possibilidade de expandir os esforços pretendidos. Somente assim uma educação bilíngue será uma realidade nas escolas e na sociedade brasileira, deixando de ser apenas o cumprimento de legislação e de documentos educacionais.

1.2 A literatura surda em suas diversas vertentes

A palavra literatura, do latim *littera*, que significa “letra”, a arte de escrever, representa a interação, criatividade, de um modo geral, seria uma imitação ou representação da realidade contada através das palavras ou imagens, e toda composta de linguagem, não pretende apenas comunicar algo, mas construir mundo diferente do seu. A arte literária sempre tem um valor relevante para a sociedade, ou uma profundidade de conhecimento da humanidade, que na leitura de uma obra passam a ser ativadas sensações e reflexões.

O conceito de literatura compreende, segundo Candido:

Da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. [...] não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação (Candido, 2011, p. 176).

Isso significa que todos os dias entramos no mundo da imaginação. Contamos histórias, vivemos, sonhamos e imaginamos. Além disso, a literatura também é um poderoso aliado do ensino e da educação. Desse ponto de vista, a literatura pode ser vista como uma expressão universal dos sentimentos, e desempenha uma função socializadora, porque se manifesta através das pessoas. Candido afirma que “toda obra literária é inicialmente uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção” (2011, p.179). Segundo o autor (2011), a literatura deve ser um direito fundamental do ser humano, pois permite ao leitor literário o desenvolvimento da individualidade e a compreensão de si mesmo e do mundo em que vive. Com isso, ele consegue identificar e acessar os outros direitos humanos universais, necessários à vivência digna de qualquer cidadão.

Com os avanços da escolarização, a educação bilíngue vem ganhando espaço nas escolas, local excepcional para aprender e socializar, pois permite às crianças obterem

informações organizadas e interagirem umas com as outras. A literatura surda nesse espaço promove o desenvolvimento social e afetivo, trazendo às crianças um mundo de imaginação que reflete a realidade da sociedade.

A literatura surda, conforme Karnopp, é “a produção de textos literários em sinais, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, possibilitando outras representações de surdos, considerando-os como um grupo linguístico e cultural diferente” (2006, p.102). A literatura que aborda tema relacionado à surdez concede à criança, na educação infantil, um crescimento emocional, social e cognitivo inegável, pois, o raciocínio da criança é incentivado pelo contato com as histórias. Isso aumenta as habilidades de se comunicar e aumenta a habilidade de interação e ampliação de sua capacidade de ler o mundo de forma ampliada e crítica. Segundo Abramovich (2006), quando as crianças ouvem histórias elas passam a enxergar e ver de forma mais clara o mundo. Com isso, elas podem se concentrar na disciplina e aprender a lidar com as emoções narradas nas histórias literárias.

A literatura surda é uma forma de dizer para o mundo que nós existimos e somos essenciais como todas as outras pessoas. Os estudos relacionados com essa temática são considerados novos, no entanto, a cultura surda já tem acesso a resultados de fortalecimento em meio a uma sociedade ainda arcaica quando o assunto é inclusão. E um desses avanços é a literatura surda infantil, que é uma ótima aliada para trabalhar na aquisição da leitura e escrita por meio de contos e fábulas.

Trabalhar literatura em sala de aula requer muita dedicação e diversidade. Na literatura surda, essa atenção aumenta porque a aquisição de linguagem depende muito da visualidade, pois a língua de sinais é uma modalidade visual-espacial. Essa perspectiva requer formação continuada dos educadores para lidarem com suas especificidades e desenvolver novas metodologias de ensino.

A literatura em Libras, segundo Sutton-Spence:

É uma oportunidade de brincar com a língua. Libras não é uma mera “linguagem” que permite que os surdos tenham acesso à sociedade dos ouvintes e à língua portuguesa. Ela é uma língua completa e deve ser usada para todas as funções de uma língua, inclusive a lúdica. Assim como ocorre com a literatura brasileira escrita em português, a literatura em Libras se concentra na forma estética da Libras, que tem características fora do comum, trata do conteúdo com perspectiva não cotidiana e se apresenta de uma maneira que seria diferente da vida comum (Sutton-Spence, 2021, p.27).

Para Sutton-Spence “a literatura produzida em Libras é uma forma linguística de celebrar a vida surda e a língua de sinais” (2021, p.26). Para a autora, o brincar através da língua de sinais na literatura faz com que os surdos desenvolvam algo próprio de sua

identidade linguística. Além de trazer histórias da comunidade surda em diferentes lugares e tempos, a literatura também nos leva a entender melhor as questões relacionadas sobre a identidade e cultura surda. Quando uma pessoa tem acesso à literatura surda ela tende a compreender o mundo e principalmente os conflitos e anseios da comunidade surda que estão presentes na obra. Além disso, os professores podem ensinar sobre essa forma de arte para as crianças e levá-las a entender sobre a cultura e a identidade surda.

Segundo Mourão, “a Literatura Surda traz histórias de comunidades surdas. Essas histórias não interessam só para elas, mas também para as comunidades ouvintes, através da participação tanto de sujeitos ouvintes quanto de sujeitos surdos” (2012, p.3). Mourão (2012) distingue três tipos de obras literárias destinadas ao povo surdo - sejam escritas por surdos ou ouvintes - são elas: tradução, criação e adaptação. Essa divisão foi criada de acordo com a relação da produção literária com a cultura surda.

Essas traduções para a língua brasileira de sinais são importantes para as crianças surdas, pois permitem aprender sobre a cultura ouvintista num contexto intercultural. Mourão afirma que, “tais materiais contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços, já que são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda” (2012, p.3). Segundo Schlemper, “com relação às traduções de literatura para Libras, as pesquisas ainda são recentes e os materiais literários traduzidos e disponibilizados até então são poucos no Brasil” (2017, p.9). Dentre os clássicos traduzidos para Libras estão, **João e Maria** (Grimm, 2011), **Alice para Crianças** (Carrol, 2007), **Aventuras da Bíblia** (SBB, 2008) entre outros.

As criações, segundo Schlemper, “são representadas pelas obras inéditas criadas por sujeitos surdos” (2017, p.8). Já para Mourão, nelas, “encaixam-se textos originais que surgem e são produzidos a partir de um movimento de histórias, de ideias que circulam na comunidade surda” (Mourão, 2012, p.04). Dentre os títulos mais conhecidos de criações para a comunidade surda estão o **Feijãozinho Surdo** (Kuchenbecker, 2009), **Tibi e Joca** (Bisol, 2001), **As Estrelas de Natal** (Klein; Strobel, 2015) e **Casal Feliz** (Couto, 2010).

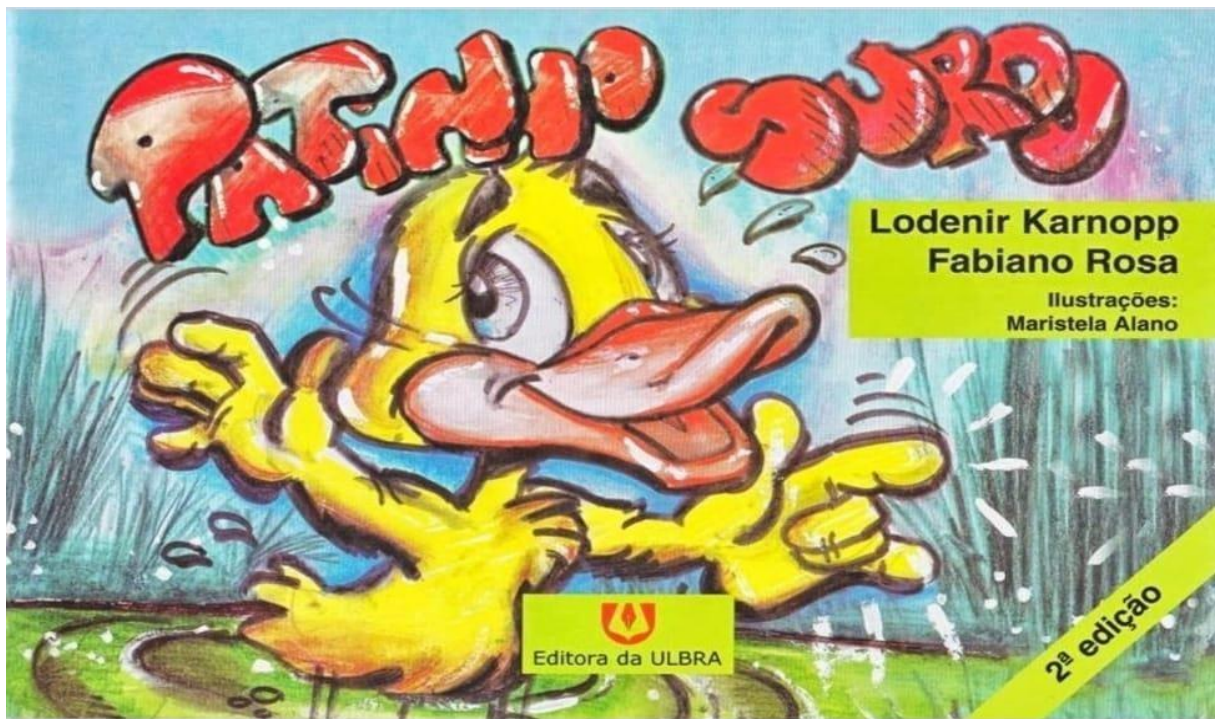
O processo de adaptação, segundo Mourão (2012), refere-se a uma releitura da história original com possíveis mudanças nos personagens, objetos incorporados, língua ou cultura e esse aspecto ajuda a fortalecer a identidade do povo surdo, que, ao identificar-se com a trama ou o personagem, percebe que a narrativa traz concepções sobre a vida dos surdos. Nessas adaptações, para Schlemper, “expressa-se a busca pela identidade surda e pelo empoderamento do povo surdo” (2017, p.8). Exemplos de alguns clássicos adaptados são: **Rapunzel Surda** (Hessel; Rosa; Karnopp, 2003), **Cinderela Surda** (Hessel; Rosa; Karnopp,

2003), **Adão e Eva** (Rosa; Karnopp, 2005), e **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2005). Conforme Mourão, “[...] em todos esses livros, os personagens principais são surdos e o enredo da história tem transformações para se adaptar à cultura surda. Os autores desses livros, conhecendo os clássicos da literatura mundial e seu valor, realizam adaptação para cultura surda, de forma que o discurso traga representações sobre os surdos” (2012, p. 4).

Como podemos perceber, já há alguns clássicos da literatura produzidos e adaptados à cultura surda brasileira, obras de releitura que os autores fizeram dos clássicos modificando a forma narrativa e inserindo no enredo o foco da língua de sinais e da identidade surda, podendo assim mostrar as vivências e desafios dessa comunidade. Dentre os clássicos adaptados, está **Patinho Surdo**, de Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa, ilustração de Maristela Alano. A obra foi publicada em 2005 pela editora ULBRA, com ilustrações do conto em preto e branco e, ao final, apresenta um glossário.

A ilustração produz efeitos de sentido de maneira ampla e irrestrita. Os traços em preto e branco da obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) auxiliam no desenvolvimento cognitivo das crianças, pois podem ser uma maneira divertida de ler e colorir, ou seja, promovem interação entre leitor e livro.

Figura 1: Capa do Livro **Patinho Surdo**



Fonte: (Karnopp; Rosa, 2011)

Patinho Surdo (Karnopp; Rosa, 2011) é um desses livros adaptados de reconto que estabelece uma relação intertextual com **Patinho Feio**, obra célebre de Hans Christian Andersen, escritor e poeta dinamarquês de histórias infantis, traduzido em mais de 100 línguas. O livro brasileiro também é uma criação porque não se limita à obra anterior, já que possui vários elementos estruturais e temáticos que se voltam para valorização e reconhecimento da comunidade surda. As adaptações literárias são uma maneira de fazer com que as produções sejam mais legíveis, trazendo como porta de entrada para o maravilhoso mundo visual. Segundo Mourão, “essas obras têm sido usadas principalmente em escolas de surdos, mas também representam literatura para os sujeitos ouvintes das escolas comuns, a fim de que possam aprender a língua de sinais e também para que possam reconhecer e respeitar a comunidade surda ou o povo surdo” (2012, p.3).

Segundo Schlemper:

Tanto as histórias criadas por sujeitos surdos quanto as adaptadas dos contos já conhecidos mundialmente são exemplos que procuram registrar e retratar as dificuldades encontradas pelo sujeito surdo num mundo de ouvintes e, também, mostrar a importância de encontrar semelhantes que ouvem pelos olhos e falam com as mãos (Schlemper, 2017, p. 9).

Segundo Schlemper, “para o sujeito surdo, o ‘olhar’ vai além da visão, vai à constituição e construção significa do seu próprio processo de pensar” (2017, p.11). Além de ter uma aproximação das realidades de vida da identidade surda, essas obras buscam retratar questões de comunicação e aceitabilidade do surdo diante da sociedade ouvintista, com possibilidade de que a língua de sinais possa ser utilizada por diferentes comunidades, sejam elas, surdas ou ouvintes. Para Karnopp (2006), as análises de literatura infantil e o registro de histórias sinalizadas têm como objetivo estimular a discussão sobre a produção de literatura surda, que está relacionada à discussão sobre cultura e identidade. Segundo Karnopp, “a literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente” (2006, p.102).

De acordo com as formas de escrever e apresentar os contos, no aspecto visual que os surdos utilizam, é necessário encontrar maneiras de traduzir sem perder a comunicação que os surdos usam para desenvolver os personagens. Para que isso aconteça Karnopp “acredita que é necessário produzir material bilíngue (língua de sinais e língua portuguesa), coletar histórias contadas por surdos e garantir a participação de surdos e intérpretes no processo de tradução de histórias sinalizadas” (2006, p.102). Para Karnopp (2006) os surdos contam muitas

histórias em sua língua de sinais, mas essas histórias não foram escritas ou divulgadas em escolas de surdos ou na comunidade em geral.

Segundo Schlemper:

Muitas vezes, quando se encontram, os surdos mais velhos contam histórias e experiências de vida aos mais novos. E o acesso a estes relatos, a estas trocas de experiências, a estes contatos com a literatura de forma geral, é tão importante para o povo surdo quanto para qualquer outro povo (Schlemper, 2017, p. 6-7).

A literatura infantil em língua de sinais vem sendo usada em vários ambientes sociais. No espaço escolar, ela promove o desenvolvimento das crianças de forma em geral, possibilitando a divulgação de cultura, conhecimento e visão do mundo. Segundo Schlemper, “por meio do conto de histórias têm sido passados de geração em geração os saberes e a cultura dos povos” (2017, p.2). Como as histórias são criadas e adaptadas às culturas, a comunidade surda usa desse recurso para expressar sua cultura, transmitir seus valores e registrar suas experiências.

A literatura surda infantil pode ser usada de forma prazerosa, já que, segundo Schlemper:

Esta possibilita aos que a ela têm acesso à compreensão de mundo; reflexão de problemas; transmissão e reconhecimentos culturais por meio de valores, crenças, costumes, hábitos que aparecem nos contos; o desenvolvimento cognitivo; o treino da memória, o estímulo da atenção e concentração; o desenvolvimento da criatividade e imaginação; e o desenvolvimento vocabular (Schlemper, 2017, p.2).

O conto de histórias pode ser usado de forma lúdica para abordar temas transversais para as crianças. Abramovich afirma que "o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens)" (2006, p.16). Por não partilharem a mesma língua, segundo Schlemper (2017), muitas vezes as crianças surdas têm sido privadas de terem contato desde cedo com a sua primeira língua, isso faz com que elas sejam privadas da aquisição de novos conhecimentos e desenvolvimento da linguagem de uma forma natural das demais crianças.

A obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011), para Schlemper (2017) é um desses contos que visam registrar e ilustrar os desafios enfrentados pelo sujeito surdo dentro de um mundo composto por ouvintes. Essas obras enfatizam a importância de encontrar semelhantes que ouvem pelos olhos e falam pelas mãos. Conforme Mourão, “os surdos usam a visão para entender e compreender os significados, mas se esquecem de que não somente os surdos fazem isso; também as crianças (e adultos) ouvintes com pouca instrução fazem isso com livros” (2012, p.11). Isso lhes permite refletir, desenvolver uma imaginação, ler contos de

mistérios e aventuras. Os surdos e os ouvintes têm características semelhantes, a principal diferença está na língua. **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) é um livro que traz reflexões sobre histórias de pessoas que lutam e enfrentam obstáculos no dia a dia. Além disso, o tema mais comumente identificado é a dificuldade de comunicação entre surdos e ouvintes.

Segundo Mourão:

Se os surdos tivessem uma experiência mais intensa com narrativas, com textos literários (em sinais ou através de leituras), nas escolas ou em seus lares, com os professores ou pais contando histórias, teriam mais possibilidade de usar a imaginação, a criatividade e a emoção e poderiam se tornar uma fábrica de histórias, produzindo ideias, narrativas e poemas, que ainda são poucos (Mourão, 2012, p. 4).

Ao ter acesso à obra, o sujeito surdo é capaz de identificar e reconhecer as diferenças e culturas dos outros. Segundo Schlemper, “numa relação de alteridade e formação de identidade, a literatura surda torna-se para este sujeito uma chave que abre mentes, derrota preconceitos, quebra tabus e dissipa mitos” (2017, p.14). Além disso, o contato com duas ou mais línguas permite que as pessoas transitem em universos linguísticos diferentes.

Segundo Schlemper, “atualmente a literatura surda tem sido disseminada com o auxílio de tecnologias que possibilitam a interação entre os sujeitos surdos mesmo que estes se encontrem fisicamente distantes” (2017, p.11). Para a autora, quanto mais os surdos puderem ter contato com a literatura de sua comunidade, mais as crianças poderão receber informações sobre a sua identidade de forma consciente. Schlemper ressalta que “cabe ao educador aproveitar da tradução de contos de histórias em Libras como recurso de ensino e aprendizagem e através deste, possibilitar aos ‘alunos’ surdos o acesso à literatura e desenvolvimento da linguagem” (2017, p.16).

Abramovich afirma que “[...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias. [...] Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...]” (2006, p.14). Contar histórias a todas as crianças é o primeiro passo para suscitar o imaginário, além de encontrar uma resposta a tantas perguntas e descobrir novas maneiras de resolver problemas.

No Brasil e no mundo, partir de criações de obras literárias surdas demonstra, na prática, que é possível ir além de uma limitação e ainda contribuir para outras comunidades que passam pelos mesmos desafios, possibilitando explorar questões e permitindo a valorização e reconhecimento da sua cultura. Segundo Antônio Candido, em sua abordagem sociológica e humanizadora, “por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada

um como equipamento intelectual e afetivo” (2011, p. 177). As obras literárias, além de produzirem conhecimento e aprendizagem sobre identidade e cultura, podem auxiliar na manifestação da subjetividade da criança surda no processo educativo.

2. LETRAMENTO VISUAL E LETRAMENTO LITERÁRIO PARA A CRIANÇA SURDA (E OUVINTE)

Todos os profissionais envolvidos na promoção de uma educação que valoriza a formação e o empoderamento do indivíduo devem estar em constante reflexão e atualização. Isso se torna ainda mais relevante devido aos inúmeros desafios que a educação de surdos e ouvintes enfrenta na atualidade.

Assim, neste capítulo, apresentaremos e analisaremos os conceitos de letramento literário e letramento visual. Partimos da premissa de que o desenvolvimento da capacidade de leitura em crianças começa por meio de sua interação com imagens. Nossa reflexão se concentra no processo de construção de significados literários no contexto das culturas surda e ouvinte. Destacamos o papel crucial dos livros infantis ilustrados como valiosos recursos culturais que podem ajudar a desenvolver as habilidades de leitura nas crianças, ao mesmo tempo em que promovem uma maior aproximação entre as culturas surda e ouvinte.

2.1 A leitura de imagens como primeiro letramento

A leitura de imagens é uma forma de ensinar fazendo uso de recursos e estratégias que desenvolvem na criança a habilidade de interpretar a informação visualmente apresentada, baseando-se na premissa de que as imagens podem ser lidas e que seu significado pode ser compreendido através de um processo de leitura. Essa leitura de imagens é um recurso educativo importante que está presente no cotidiano dos alunos.

Segundo Lebedeff (2017), o letramento visual é um campo de estudo que lida com o que os olhos podem ver e como eles podem interpretar o que é visto. Para a autora a experiência visual, vista como valorização cultural, torna-se mais importante para os surdos e o letramento visual, no campo da surdez, depende das práticas sociais e culturais de leitura e compreensão de imagens. Nesse sentido, Lebedeff chama atenção para “a necessidade de discussão sobre o acesso do sujeito surdo, desde a mais tenra idade, a uma experiência visual, uma cultura visual de leitura e compreensão do mundo” (2017, p.231).

Lebedeff afirma que, sendo assim:

Como pressuposto de discussão, portanto, que é a experiência visual que precisa basilar as propostas educacionais para surdos. Sendo o povo do olho, nada mais justo do que pensar a educação para este povo a partir das suas especificidades linguísticas, culturais e de interação e compreensão do mundo (Lebedeff, 2017, p. 230).

Partindo desse pressuposto, para a autora é necessário discutir o acesso dos temas surdos a uma experiência visual, uma cultura visual de leitura e uma compreensão do mundo desde criança. Lúcia Santaella, em seu livro **Leitura de imagens**, destaca que “[...] a alfabetização visual significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem sem fugir para outros pensamentos que nada tem a ver com ela” (2012, p.13). Nesse sentido, Santaella (2012) comenta que, ao ler uma imagem, você aprende e desenvolve os sentidos necessários para saber como elas se apresentam, como indicam e o que indicam, qual é seu contexto de referência, como as imagens produzem efeitos de sentido, como elas se articulam e quais são suas maneiras particulares de representar uma vida real.

Segundo a autora, “no contexto institucional da escola, alfabetização visual significa desenvolver sistematicamente as habilidades envolvidas na leitura de imagens, de modo a levar ao compartilhamento de significados atribuídos a um corpo comum de informações” (Santaella, 2012, p.14). Para a autora, as escolas continuam acreditando que o texto escrito é a única forma de transmitir conhecimento e, portanto, negligenciam a alfabetização visual dos alunos. Entretanto, para Santaella, o ser humano está cercado de imagens em todos os lugares e momentos de seu cotidiano, sem levar em consideração que vemos imagens nos sonhos enquanto dormimos. Sendo assim, “diante disso, nada poderia ser mais plausível, e mesmo necessário, que a imagem adquirisse na escola a importância cognitiva que merece nos processos de ensino e aprendizagem” (Santaella, 2012, p.14).

Segundo Santaella, “as imagens são chamadas de ‘representações’ porque são criadas e produzidas pelos seres humanos nas sociedades em que vivem” (2012, p.17). Para a autora, as imagens são formas de leitura do sujeito e do mundo em que ele está inserido, além de fazerem parte da vida das pessoas elas são usadas para transmitir informações, comunicar politicamente e construir sociedades. As imagens são uma ferramenta vital para a construção de conhecimentos e para a análise de um contexto histórico e, também, são meios de comunicação entre o autor e o leitor, representações da realidade que desencadeiam uma variedade de significados e sentimentos.

Em relação ao ensino do surdo, o letramento visual é a base primordial, no entanto, o letramento linguístico (verbal) é mais usado como foco principal em sala de aula. Segundo Rosa, “ao surdo falta explorar e registrar seu imaginário e fantasia, bem como informação sobre a cultura e sua língua de sinais. Os materiais literários existentes carecem de uma maior estrutura e apoio linguístico considerando a particularidade do Surdo” (2006, p.59).

Segundo Rosa:

Como o surdo utiliza a visão para obter informações, a união da mídia e da literatura cria condições para que haja um fortalecimento da identidade, cultura e de conhecimento da surdez. Pesquisar como se desenvolvem estes aspectos conjuntamente fará com que a expressão da arte e da literatura surda seja registrada em livros e em materiais midiáticos, capazes de manifestar a diferença linguísticas e cultural de surdos, através do caminho da autorrepresentação (ROSA, 2006, p.59).

Para o autor, todos devem estudar e aprender as obras literárias, pois desempenham um papel significativo no relacionamento das crianças com o outro. Segundo Rosa, “as crianças surdas desenvolvem aprendizagens através da leitura e da experiência visual, porém sozinhas não têm poder de se formar como leitoras e de serem também leitores visuais - necessitam do livro, de textos e de imagens para que possam desenvolver sua capacidade visual e de leitura” (2006, p.59). Diante dessa reflexão, pode se dizer que os livros literários ajudam as crianças (surdas e ouvintes) a desenvolver uma melhor compreensão de si mesmas, sua realidade e perspectivas de vida, já que, segundo Rosa:

As crianças precisam encontrar significados que ultrapassem o sentido da leitura escolar e, preferencialmente, devem trazer de casa uma relação afetiva com os livros, construída com a família através da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Nessa experiência com leitura, lembro que quando eu era pequeno, aos 13 anos, tive o primeiro contato com o livro "Família Rato", lido pela turma na escola regular. Essa experiência foi significativa e até hoje lembro da importância que é ter contato com os livros para desenvolver a criatividade, conhecer coisas, e ter contato com a leitura, tanto de imagens quanto de textos (Rosa, 2006, p.59).

Para o autor, a literatura permite o fortalecimento da identidade, da cultura e do conhecimento da surdez, pois o surdo usa a visão para obter informações. A obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) ilustra bem isso quando reflete a importância da compreensão de leitura visual. Podemos observar, por exemplo, um trecho da obra em que a forma de comunicação do patinho são as mãos.

Figura 2: Sinalização com as mãos, forma natural de comunicação



Fonte: (Karnopp; Rosa, 2011, p. 17)

É importante observar que a língua de sinais se difere da língua oral-auditiva, uma vez que a primeira se realiza pelo canal visual, com utilização do espaço e por expressão facial, além da linguagem gestual perceptível pela visão. A figura 2 demonstra que a interação sinalizada do patinho é a sua forma natural de se comunicar, lembrando que a Libras é uma língua natural com seu próprio léxico e gramática. O protagonista, ao ter contato com outros patinhos, é compreendido, ele se sentiu incluído na comunidade. No final do livro, o narrador explica que essa forma de comunicação é chamada de LSL, Língua de Sinais da Lagoa, ou seja, essa explicação é feita mantendo o caráter de produção ficcional, que aguça a criatividade infantil.

A partir dessa observação, podemos refletir que, se as crianças surdas e as crianças ouvintes forem incentivadas a ler histórias desde muito cedo, isso permitirá a criação de novos métodos de construção de conhecimento. Segundo Rosa, o “ensino da leitura e da escrita para os alunos surdos, nos últimos anos, tem se desenvolvido, porém ainda não é habitual a escola utilizar livros, jornais, revistas e gibis para as crianças a crescerem seu conhecimento linguístico e com isso facilitar a aprendizagem da escrita do português” (2006, p.60). Para o

autor, o incentivo à leitura ajudaria os alunos surdos a aprenderem a sua língua e se tornar um bilíngue, além de aumentar a imaginação, a criatividade e a linguagem.

Segundo Sutton-Spence, “a experiência de se perceber o mundo principalmente através da visão - e não através dos sons - gera literaturas surdas com foco principal nas imagens visuais em qualquer país” (2021, p.27). Para a autora, todas as pesquisas referentes a línguas de sinais demonstram a importância da criação de imagens visuais por meio de sinais. Santaella (2012) explica que as imagens são melhores para representar o espaço visual, já a língua pode representar pontos temporais e passagens de tempo mais facilmente, mas não pode descrever relações espaciais. Segundo a autora, “as imagens representam essencialmente o que é da ordem do visual. Já a língua descreve as impressões de todas as percepções, não apenas visuais, mas também acústicas, olfativas, térmicas ou táteis” (Santaella, 2012, p. 108).

A autora Sutton-Spence argumenta que, “assim como a língua portuguesa pode ser falada e escrita, também a Libras existe em duas modalidades, sinalizada e escrita, embora a Libras escrita ainda não seja muito comum” (2021, p.42). Na literatura em Libras, segundo a autora:

Muitos elementos dessa forma de arte são fundamentados no fato daquela ser uma literatura visual “de performance” e “do corpo”, que existe apenas quando uma pessoa a apresenta. Assim, é quase impossível separar o corpo do artista do texto da narrativa ou do poema. Nas literaturas escritas, tais como a brasileira, escrita em português, estamos acostumados à ideia de que o texto pode ser separado do autor e quando o lemos recebemos pouca informação sobre o aspecto da pessoa que o escreveu. Já, na literatura sinalizada em Libras, podemos ver o artista como ator e vemos os poemas, as narrativas ou as piadas pelo meio visual através do seu corpo (Sutton-Spence, 2021, p.42).

Para a autora a literatura em Libras não é apenas sinalizada, mas abrange uma variedade de técnicas expressivas e artísticas. Segundo Sutton-Spence, algumas obras literárias em libras escrita, já são produzidas em *SignWriting*¹, como, por exemplo, o livro **Cinderela Surda** (Silveira; Karnopp; Rosa, 2003), que é escrito em Libras e português, e é bilíngue. **Cinderela Surda** é um clássico da literatura em Libras que incorpora elementos da linguagem, da cultura e da identidade surda. Nesta obra, “A apresentação dos textos está numa versão bilíngue, ou seja, as histórias estão escritas em português e também na escrita da língua de sinais (*SignWriting*)¹. As ilustrações acentuam as expressões faciais e os sinais; elementos que traduzem aspectos da experiência visual” (Karnopp, 2006, p.104). As ilustrações nesta obra enfatizam elementos de experiência verbal e visual, relacionando-se com a escrita em *signwriting* e a escrita em língua portuguesa.

¹ A palavra em inglês **SignWriting** significa **Escrita de Sinais** no Brasil. O SignWriting é um sistema de escrita para escrever línguas de sinais.

O livro em análise neste trabalho apresenta algumas das possibilidades da cultura surda para estabelecer um lugar de existência na cultura ouvintista. Um bom exemplo disso é a defesa da linguagem dos Surdos, que é demonstrada na obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) quando as experiências de vida do protagonista são expressas através de percepções visuais, nas quais o leitor pode sentir a influência da língua à medida que a leitura avança, no momento em que se percebe que o patinho usa a visão como principal meio de comunicação com o mundo exterior.

É evidente que as obras literárias têm uma função pedagógica relacionada à aprendizagem da Libras ou da modalidade escrita da língua portuguesa, bem como a transmissão de valores da cultura surda. Mas, além disso, funcionam como uma maneira para surdos e ouvintes aprenderem sinais ou escrita. Segundo Rosa, as experiências como contador de histórias mostraram que “as crianças são naturalmente interessadas no visual e na Libras. Mostrar que é do livro que saem as histórias legais que os adultos leem é uma boa forma de apresentar uma relação adequada e coerente com a leitura desde cedo” (2006, p.60).

Partindo desse pressuposto, acreditamos que, quanto mais cedo as crianças forem expostas a obras literárias, maior é a probabilidade de desenvolverem um interesse pela leitura, além de ter um impacto positivo na identidade de uma criança. Além disso, alguns autores (Karnopp, 2006); (Mourão, 2011) têm apresentado a importância da literatura surda para crianças surdas, pois essas histórias contadas em língua de sinais apresentam a cultura e a identidade surda. Por meio dessa literatura, as crianças ouvintes e surdas têm acesso à fantasia e à imaginação, bem como uma variedade de experiências culturais e linguísticas.

Entretanto, algumas dessas crianças surdas com pais ouvintes muitas vezes são proibidas de conhecer sua primeira língua, forçando-as a uma comunicação oral, como se o português fosse a única língua existente no país. Como bem demonstra a obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011), no dia do nascimento dos filhotes, a mamãe cisne chamou o papai cisne para verem os recém-nascidos, mas, inesperadamente, um dos filhotes apareceu sinalizando e os pais ficaram em choque, pois todos estavam falando e apenas um sinalizando. Sem entender o que acontecera, o papai ficou agitado e a mamãe não soube lidar com essa interação não usual do filho. E a razão para isso é que, embora a língua portuguesa utilize o meio auditivo, a Libras utiliza o espaço visual para organizar significados lexicais e gramaticais.

Partindo dessa visão de normalização, Schlemper afirma que “poucos se disponibilizam em aprender Libras a fim de ensinar aos pequenos muito mais que palavras. E quando se disponibilizam a aprender, usam a Libras somente quando abordam diretamente o

filho surdo, limitando a exposição destes às Línguas de Sinais” (2017, p.13). E a maioria dessas crianças não têm contato direto com a comunidade surda e isso impossibilita que desenvolvam a sua linguagem como quaisquer outras crianças.

Sabemos que a leitura é um componente crucial na evolução dos educandos ouvintes, para os estudantes surdos ela também é essencial para aprender a língua portuguesa. Para isso, uma educação bilíngue deve se concentrar cada vez mais nessa área, promovendo oportunidades iguais e garantias de diferenças sociais. A literatura surda ou a criação de textos e sinais literários que traduzem uma experiência visual são grandes aliados nesse processo.

Durante a alfabetização, quando a criança se depara com a forma de aprender através do letramento visual e letramento literário, é desenvolvida a capacidade de usar uma escrita de forma deliberada em várias situações sociais. As línguas escritas e sinalizadas juntas ajudam a compartilhar informações e conhecimento enriquecedor. Por meio da obra literária nas escolas, as crianças podem vir a conhecer e respeitar a cultura e a língua dos seus colegas surdos, além de possibilitar interação, diálogo e conhecimento da comunidade surda.

Contudo, um olhar inclusivo para as questões educativas, como o que aprender, para que aprender, como ensinar e como promover a aprendizagem, faz com que busquemos mais conhecimento e aplicação na construção do objetivo de vida, direcionando-nos ao desenvolvimento de uma educação bilíngue, fazendo com que respeitemos as diferenças e enfrentemos a discriminação e o preconceito a nossa volta. Através do prazer e da ludicidade da leitura, as crianças vão aprendendo aos poucos, ampliando a sua imaginação e compreensão do mundo. A obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011), no ambiente escolar, faz com que o educador oriente seus educandos a compreender seu lugar no mundo, além de promover recursos e estratégias pedagógicos diferenciados, Schlemper destaca que:

Se após o acesso às traduções no ambiente escolar, o educador usar o reconto de histórias para proporcionar um momento de feedback, ele pode proporcionar que os “espectadores” além de expressarem sua compreensão da história, também compartilhem novas “palavras”, treinem a memória e experimentem o uso da “língua” em toda a sua estrutura, pois a palavra sozinha, pouco transmite, mas dentro de um contexto, infinitas possibilidades aparecem” (Schlemper, 2017, p.17).

Portanto, através da literatura, o sujeito pode desenvolver sua individualidade, compreender seus sentimentos, assimilar melhor seu lugar na sociedade, além de desenvolver opiniões críticas e refletir sobre a sociedade e o mundo em geral, permitindo um desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem das crianças surdas e ouvintes. O

objetivo do bilinguismo na educação é ensinar a pessoa a usar duas línguas, a língua de sinais e a língua da comunidade ouvinte e promover a empatia em ambas as partes.

2.2 Construção dos sentidos literários diante das culturas surda e ouvinte

A escrita em língua portuguesa está presente em muitos aspectos da nossa vida cotidiana, ela não apenas transmite informações históricas, mas também serve como um meio de ler e entender o mundo. Paulo Freire (1979), educador brasileiro, criador de um método inovador para alfabetização, defensor da escola democrática, colaborador de uma relação entre educador e educando, defendia a conscientização sociopolítica contra as desigualdades sociais. Para o autor, o papel da escola era ensinar o aluno a ler o mundo, e construir experiências positivamente.

Para Freire a alfabetização é a base da educação e ela auxilia no desenvolvimento construtivo dos sujeitos ao proporcionar leitura, escrita, comunicação e ideias. Segundo Freire (1979), a importância do ato de ler implica sempre na compreensão crítica, interpretação e a reescrita da leitura. Para o autor o conhecimento através da educação é um instrumento humano de conhecimento sobre o mundo que produz mudança. Sendo assim:

(...) enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 1979, p. 5).

Segundo o autor, aprender a ler, escrever e alfabetizar, antes de tudo é ler o mundo e compreender o contexto, em uma relação dinâmica que envolve linguagem e realidade. Essa compreensão do texto implica a percepção das relações entre o texto e o contexto, na medida em que vai se tornando íntimo com o mundo, torna-se mais fácil a compreensão da leitura que está fazendo e, com isso, a decifração da palavra flui naturalmente da leitura do mundo.

O letramento é o termo utilizado para descrever os processos sociais que envolvem a leitura e a criação de textos em uma variedade de situações. Segundo Cosson (2018), o letramento literário trata de como ensinar literatura em sala de aula, ou seja, introduzindo a literatura nas escolas para que ela possa atender ao seu verdadeiro objetivo de humanizar os alunos, em vez de simplesmente apresentá-la como um tópico sem contexto e discussão. O autor nos leva a considerar várias maneiras pelas quais a literatura pode ser trabalhada em sala

de aula, com o foco no desenvolvimento de uma comunidade de leitores por meio do aprendizado de literatura.

O primeiro passo no desenvolvimento do letramento literário, segundo Cosson é preparar o aluno para entrar no texto. É importante destacar que “praticamente todas as transações humanas de nossa sociedade letrada passam, de uma maneira ou de outra, pela escrita, mesmo aquelas que aparentemente são orais ou imagéticas” Cosson (2018, p.16). Para Cosson (2018) a capacidade do leitor de se conectar inicialmente com a obra depende de uma forte motivação, e é por meio da escrita que organizamos nossa sociedade e armazenamos informações, nos libertando do tempo e do espaço, assim, a leitura é uma das maneiras mais eficazes de superar as limitações físicas dos humanos.

Magda Soares acredita que a melhor maneira de ensinar os alunos a ler e escrever seria letrando, o que ela chama de “alfaletrar”, isso significa ensinar a ler e escrever sem esquecer o contexto das práticas sociais de leitura e escrita e suas aplicações na vida cotidiana. Para Soares “toda criança pode aprender a ler e a escrever” (2020, p.13). O conceito de alfabetização é definido pela autora como o processo inicial de ensino de leitura e escrita, sendo que os alunos podem usar a escrita e os números para aprender elementos básicos da língua. Quando eles aprendem a relacionar a linguagem e o texto com práticas sociais inicia-se o letramento, pois o educador irá, de acordo com Soares:

Letrar desenvolvendo habilidades de leitura, interpretação e produção de texto “alfabetizar situando no texto a aprendizagem do sistema alfabético de que os alunos precisam apropriar-se para que se tornem capazes, eles também, de ler e escrever textos. É indiscutível que o texto é o eixo central das atividades de letramento (Soares, 2020, p.33).

Segundo Soares (2020), dentro da sala de aula, o alfabeto continua sendo crucial ao longo do processo de letramento, principalmente na aprendizagem do sistema de escrita alfabética. Soares nos deixa uma boa reflexão, que todos os profissionais da educação devem conhecer o verdadeiro significado de ensinar, com comprometimento, dedicação, humildade, conhecimento em relação teórica e prática, sempre adquirindo mais conhecimento.

Segundo Rosa, “o aprendizado da escrita e da leitura surge, muitas vezes, de situações em que a hora do conto é realizada nos lares” (2006, p.61). Para o autor o letramento com base nos textos literários dá ênfase em uma experiência que o diferencia das atividades mecânicas e entediantes que até então são realizadas. Ao mediar a leitura literária com o apoio do recurso de adaptação, como é o caso da obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011), que adapta **Patinho Feio** (Andersen, 1996) para um novo contexto, ampliam-se os efeitos de

sentido da obra quando ela apresenta os conflitos da comunidade surda, desenvolvendo o repertório linguístico e cognitivo dos surdos.

O desenvolvimento linguístico dos alunos surdos será ampliado por contato e experiência com literatura surda. É essencial que os alunos surdos sejam alfabetizados em sua língua materna (Libras) para que possam compreender e aprender a literatura escrita. Através da ilustração das obras em Libras e escrita, há uma melhor compreensão no aprendizado, pois, de acordo com Rosa:

O desenho é importante para crianças terem o visual e maior facilidade em perceberem o conteúdo do livro. Além disso, têm alguns desenhos de sinais expressando e marcando a cultura surda. Possui a possibilidade de leitura, pois dentro tem a escrita de língua de sinais. Este é novo sistema de escrita de sinais. Para compreender a escrita da língua de sinais a pessoa deve conhecer a estrutura da escrita de Língua de Sinais. E, por último, a leitura do português, que também é importante para aprender a ler o mesmo. Esses três itens têm como objetivo ajudar e compreender a cultura surda (Rosa, 2006, p.62).

Nesse sentido, a língua de sinais e a escrita em língua portuguesa, além de garantirem a educação dos surdos/ouvintes proporcionam a inclusão em todos os espaços da sociedade. A obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) é uma criação diferente da história infantil **Patinho Feio** (Andersen, 1996), o que permite que o livro evidencie um futuro com mais compreensão do mundo e com percepção mais contemporânea para os surdos/ouvintes. No decorrer da narrativa da obra, descobrimos uma arbitrariedade das regras impostas pelos discursos expressivos das sociedades, a construção de uma maneira própria de se fazer dono da linguagem, que é de todos. Sendo assim, a prática da leitura e produção textual permite o desenvolvimento de novos conceitos e sentidos, além de permitir a expressão de pensamentos e a transformação da linguagem em algo engajado e expressivo.

Figura 3: Comunicação e interação através da linguagem



Fonte: (Karnopp; Rosa, 2011, p. 15)

Percebe-se, na figura 3, que os cisnes ficaram assustados ao verem que a comunicação do patinho era diferente de sua linguagem. Do ponto de vista do surdo, essa imagem nos permite ter reflexões sobre o quão importante é para a escola ser um ambiente bilíngue Libras/Português, pois essa integração permitiria a comunicação e o acesso à informação, possibilitando que as pessoas surdas se integrassem à sociedade. Além disso, é claro que a aprendizagem da língua é essencial, pois ela se estende além das atividades escolares e como principal mediador nos processos de construção humana.

A obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) demonstra também a importância de contextualização do aprendizado de uma segunda língua, inserindo assim, a criança surda nas práticas de letramento visual e exploração da escrita em língua de sinais, que são compreendidos nas comunidades sociais e na vida cotidiana. Além disso, as crianças, tanto ouvintes quanto surdas, aprendem conceitos e experiências na língua de sinais e na língua portuguesa. Isso os ajudará a ampliar seu repertório linguístico.

Segundo Cosson, “a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escrita, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana” (2018, p.16). Para o autor, é importante se tornar consciente da linguagem por meio da leitura e da escrita de textos literários, e isso se deve ao fato de que a literatura é rica em informações sobre o homem e o mundo. Como exemplo disso, podemos destacar que, na obra analisada neste trabalho, o patinho não desenvolve a linguagem oral-auditiva, por não ter contato natural com ela devido a sua condição e isso faz com que o protagonista explore esse potencial da linguagem não-verbal.

A experiência literária não somente nos permite aprender sobre a vida por meio da experiência de outras pessoas, mas também nos permite vivenciar essa experiência. De acordo com Cosson (2018), a literatura deve ter um lugar especial nas escolas devido ao seu papel fundamental de tornar o mundo entendível, interagindo sua materialidade em palavras que expressam cores, odores, sabores e formas profundamente humanas. Para que a literatura possa alcançar seu papel humanizador, os padrões educacionais devem mudar, nesse sentido, Cosson afirma que [...] “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo. Foi assim com o latim e o grego antigo, cujo ensino se apoiava nos textos da Era Clássica, para o aprendizado dessas línguas de uso restrito e para o conhecimento produzido nelas” (2018, p.120).

A leitura literária que a escola objetiva processar visa mais que simplesmente ao entretenimento que a leitura de fruição proporciona. Segundo Cosson, “no ambiente escolar, a literatura é *lócus* de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada” (2018, p.26-27). Para o autor a escola deve ensinar os alunos a realizarem esse tipo de exploração, incentivando uma leitura que envolve uma troca de sentidos não apenas entre o escritor e o leitor, mas também entre a sociedade em que ambos vivem, pois esses sentidos surgem dos compartilhamentos de visões do mundo entre homens em diferentes lugares e tempos. Conforme Cosson:

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância (Cosson, 2018, p.29).

Para o autor a responsabilidade do professor é garantir que o encontro dos alunos com a literatura se transforme em uma busca profunda de significado para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos vivem. Ao enfatizar o ensino de surdos, é importante lembrar que, por muitos anos, uma educação de surdos foi marcada por métodos pedagógicos ineficazes, como aqueles que pensavam ser a surdez como uma deficiência ou incapacidade. Além disso, o objetivo da abordagem bilíngue para uma educação de surdos é romper com o âmbito teórico estampado pelo modelo ouvinte. O objetivo é recuperar a autonomia dos surdos, uma emancipação cultural e a história da cultura e comunidade surda.

A história **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) nos ensina que ser bilíngue não é apenas ter a língua de sinais ao lado do português nas salas de aula, é necessário que todos os membros da comunidade escolar, incluindo os cuidadores, familiares, comunidade surda, professores e alunos, tenham a oportunidade de conhecer e aprender a língua de sinais, criando assim um caminho para mudanças e apoio ao sujeito surdo.

Figura 4: O sapo intérprete.



Patinho surdo ficou espantado com a história, mas a mãe consolou:
 “Fique calmo, vamos logo conversar com a tua mãe cisne. Vou explicar tudinho a ela”.
 Contrataram o sapo intérprete e foram todos até o ninho dos cisnes.
 Chegando lá, uma longa conversa aconteceu, e todos entenderam o que havia acontecido.

Fonte: (Karnopp; Rosa, 2011, p. 23)

Nota-se que, na maioria das vezes, o intérprete é o único que conhece a língua de sinais no ambiente escolar e serve como intermediário entre surdos e ouvintes, auxiliando no processo de desenvolvimento educacional. Podemos observar, na figura 4, que o sapo intérprete apresenta a importância de um profissional conhecedor da língua para a comunicação entre surdos e ouvintes.

Partindo desse pressuposto, o domínio da língua de sinais ajuda os educadores a não se limitarem aos deficientes auditivos, fazendo com que isso os conecte a mais círculos sociais e lhes dê mais oportunidades de participar de atividades comuns, como trabalho e educação formal, possibilitando atender seus alunos com aprendizagem diferenciada.

A obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) traz reflexões da realidade da comunidade surda, ela traz um papel de estimular a imaginação, promover a atração do pensamento e produzir mais conhecimento e racionalidade, auxiliando na alfabetização e letramento da criança. Como afirma Cosson, “é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos” (2018, p. 16). A literatura permite que as crianças se encontrem a si mesmas e estimulem uma expressão própria, como afirma Abramovich (2006), ao demonstrar a importância de as crianças ouvirem histórias, já que, segundo a autora:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (Abramovich, 2006, p.17).

Através da literatura surda, os pais, educadores e a escola ajudam as crianças a construir significados na vida. Cosson afirma que, “na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada” (2018, p.17). Embora Cosson (2018) não esteja se referindo especificamente aos surdos, suas reflexões sobre literatura se aplicam muito bem à realidade surda, já que a literatura tem esse poder transformador e humanizador em nossa sociedade.

No letramento literário, segundo Cosson, “as práticas de leitura de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura da obra” (2018, p.47). Para o autor, através de quem ensina e de quem aprende, o objetivo é desenvolver habilidades de leitura em vários gêneros literários e adquirir habilidades de compreensão e ressignificação de textos. Cosson (2018) apresenta duas sequências de desenvolvimento de atividades com literatura: a sequência básica e a sequência expandida.

Ele sugere que os alunos reflitam sobre a literatura em sala de aula para obter uma melhor compreensão.

A literatura surda, através da sua estrutura de composição cria expectativas, fazendo com que os alunos reflitam sobre sua realidade, estimulando assim o gosto e prazer de ler. Podemos ver, por exemplo, na obra de Karnopp e Rosa (2011), a importância da língua de sinais para o protagonista. Essa abordagem promove uma aproximação das crianças com a história no decorrer da leitura, pois elas se sentem incluídas no mundo da linguagem, ao se identificarem com o personagem principal. Além disso, os alunos podem ser levados a considerar o quão importante é aceitar e respeitar as diferenças dos outros, bem como apreciar a beleza da diversidade.

O processo básico de sequência didática de leitura literária proposto por Cosson é composto por quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Para o autor, a motivação consiste em preparar o aluno para entrar no texto de uma maneira divertida, usando uma temática relacionada ao texto que será lida. O objetivo é incentivá-lo a ler o texto sugerido. Já na introdução apresenta o autor e a obra, quando “o professor não pode deixar de apresentá-la fisicamente aos alunos” (Cosson, 2018, p.60).

Segundo Cosson, “a leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista” (2018, p. 62). Para o autor, a leitura escolar requer apoio e orientação, e é importante enfatizar os intervalos sugeridos, e nesses intervalos, os professores têm a oportunidade de observar os problemas de leitura dos alunos e encontrar soluções para manter o interesse ao longo da leitura.

De acordo com Cosson, “A interpretação parte do entretencimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (2018, p. 64). Para Cosson (2018), a interpretação acontece em dois momentos diferentes. O primeiro é conhecido como momento interior, ou decifração, é o momento em que o leitor se encontra com a obra e não pode ser substituído por nenhuma mediação, como por exemplo um resumo ou um filme do livro. O segundo estágio, conhecido como materialização da interpretação, ocorre quando o leitor considera o significado do texto em relação a uma sociedade específica.

A sequência expandida segue as mesmas etapas da sequência básica. Mas há dois períodos de interpretação. Um é para adquirir uma compreensão geral do texto, incluindo seus elementos formais, e o outro é para aprofundar um dos elementos do texto que são mais relevantes para o objetivo do professor. A sequência básica enfatiza mais os alunos dos anos iniciais podendo ser ampliada ao ensino fundamental e médio. E na sequência de expansão, o objetivo é explorar as possibilidades de diálogos com outras obras.

Rosa afirma que “as crianças precisam encontrar significados que ultrapassem o sentido da leitura escolar e, preferencialmente, devem trazer de casa uma relação afetiva com os livros” (2006, p.59). Sendo assim, a escola tem um papel importante na aprendizagem da língua das crianças, porque tem ou deveria ter todos os recursos e métodos didáticos necessários para uma boa educação.

A leitura da obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) não apenas nos dá uma melhor compreensão do papel da ilustração como recurso visual na abordagem da condição linguística da criança surda, mas também nos dá uma nova ideia do quão importante é a equiparação entre imagem e texto escrito para compreender a história. Além disso, a obra demonstra as principais características que diferenciam uma pessoa surda das demais, como o uso da língua de sinais, por exemplo, e qual importância dessa língua para os surdos terem acesso ao mundo da informação, o que não é possível quando a linguagem oral é imposta.

Sendo assim, o professor, com auxílio da literatura surda, ajuda a desenvolver novos conceitos e sensações, bem como uma expressão de pensamentos e a transformação da linguagem em algo envolvente e emocionante, tanto para crianças surdas quanto ouvintes. Como afirma Rosa, “não há produção própria de livros de surdos e os professores reproduzem as metodologias direcionadas aos ouvintes” (2006, p.61). Para o autor, a maioria dos educadores não está familiarizada com os métodos apropriados para ensinar os alunos surdos. Além disso, os professores, às vezes, não recebem a formação necessária para desenvolver materiais apropriados para o aprendizado de língua portuguesa escrita e da leitura para os alunos surdos. A escolha de obras literárias a serem trabalhadas em sala de aula, como, por exemplo, a obra em análise neste trabalho, não somente oferecem ao público infantil uma alternativa divertida e emocionante de refletir sobre seu lugar no mundo, como também necessita de uma fundamentação docente em teorias de alfabetização literária e visual para auxiliar essas crianças a desenvolverem suas habilidades de compreensão leitura e interpretação textual.

3. PROTAGONISMO E REPRESENTATIVIDADE EM PATINHO SURDO

Abordar as fronteiras do conhecimento em relação a duas línguas já não se encaixa na lógica da sociedade moderna. Atualmente, vivemos em um cenário em que o português, amplamente falado, nos sobrecarrega com um volume significativo de informações. Nesse contexto, a questão da aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua por parte dos alunos surdos torna-se cada vez mais premente, uma vez que eles não podem mais se isolar.

Nesse contexto, a obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) servirá como base para uma análise das linguagens empregadas, tanto verbal (escrita) quanto não verbal (ilustração). Essa análise destacará como, na interação entre essas linguagens, emergem elementos que nos permitem discutir o bilinguismo e refletir sobre aspectos relevantes relacionados a ele.

3.1 A criança surda em destaque

O papel do professor é fundamental no desenvolvimento dos processos de aprendizagem dos alunos, conforme a pedagogia aplicada pode ajudar ou prejudicar o desenvolvimento dos alunos no seu processo de aprendizagem e aquisição de conhecimento. O surdo está inserido em um mundo bilíngue e multicultural, com a presença de Libras, identidades surdas e culturas surdas, mas nascido em um país onde a maioria das pessoas fala português como primeira língua, no caso de crianças brasileiras.

Compreende-se que as identidades surdas são formadas dentro das atuações da cultura surda e elas se moldam de acordo com o grau de receptividade cultural do indivíduo. Como afirma Strobel:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (Strobel, 2008, p.24).

Para a autora, é essencial compreender que a cultura surda é importante para os indivíduos surdos, bem como para aqueles que participam de comunidades surdas e adotam suas práticas, valores e normas. Além disso, a identidade visual da comunidade surda é distinta das demais comunidades minoritárias porque se expressa na língua de sinais, sinalizada e/ou escrita.

Partindo desse pressuposto, surge a questão: qual é o papel do ensino de literatura surda na educação de pessoas surdas, principalmente a partir da educação infantil ao ensino

fundamental? Sabemos que as línguas sinalizadas gesto/visual não têm nenhuma semelhança com a língua oficial de um país oral/auditivo.

Segundo a autora Sutton-Spence, ao se comunicar em Libras, há três opções principais: “contar – falar sobre as coisas por meio de vocabulário. Mostrar – mostrar a forma e o movimento das coisas com classificadores. Se tornar – mostrar a forma e o comportamento das coisas através da incorporação” (2021, p.47-48). Portanto, para a autora, ao estudar uma estética da linguagem literária de Libras, devemos considerar o uso dessas três ações.

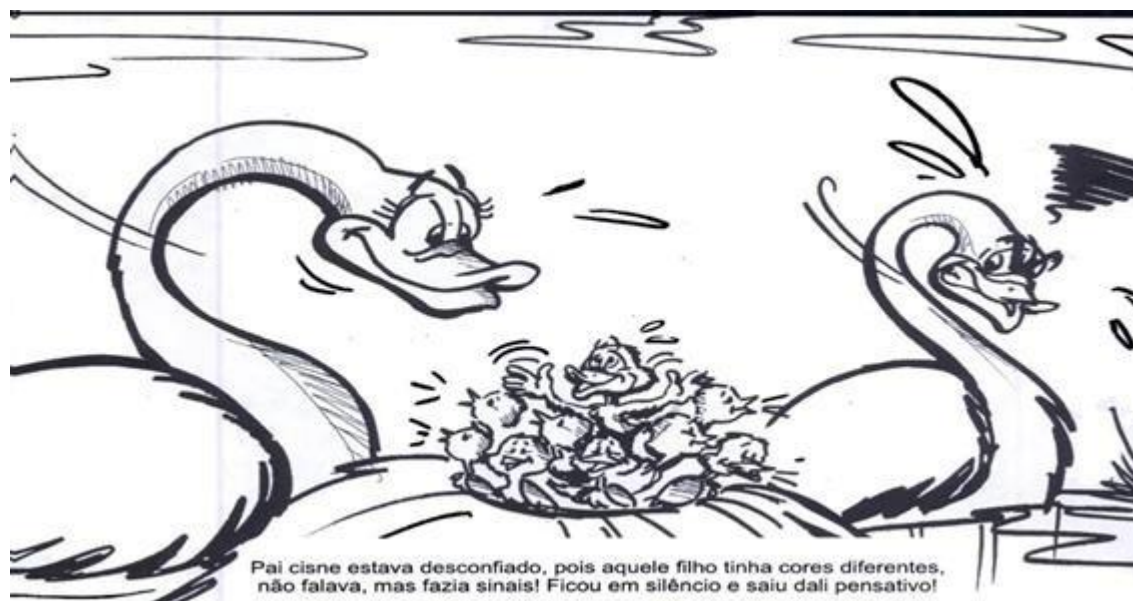
Conforme Sutton-Spence (2021), cada um deles se refere a uma ação (por exemplo, sentar-se), uma qualidade (por exemplo, vermelho, redondo ou novo) ou uma relação (por exemplo, no espaço, como em cima ou atrás, ou ainda, no tempo, como antes ou depois). Outros são conceitos abstratos, como herança, economia ou importância, ou emoções, como orgulho, alegria ou raiva. Cada língua comunica e classifica esses referentes de maneira diferente, já que, segundo Sutton-Spence:

Todas as línguas têm elementos icônicos, mesmo as línguas faladas, na modalidade oral e na sua escrita. Gestos, frequentemente, acompanham a fala, mas as pessoas geralmente acham que os gestos são uma maneira inferior de comunicar e que eles apenas dão suporte à mensagem falada. As pessoas que acreditam que as línguas de sinais são “apenas gestos” interpretam erroneamente tanto a natureza das línguas de sinais quanto a natureza dos gestos. Precisamos enfatizar que, apesar de a Libras ser uma língua de base visual, ela é uma língua “real” (Sutton-Spence, 2021, p.48).

Como são produzidos por um meio visual, segundo a autora, as línguas de sinais são importantes para o processamento visual em todos os níveis e é fundamental para a literatura em libras porque é um elemento essencial da estética. Isso permite que os sinalizadores criativos escolham a representação icônica² certa para uma referência específica. Se não existisse uma única maneira de criar um sinal visual para cada referência, a literatura de língua de sinais criativos não existiria no estado em que está hoje.

² **Representação icônica** consiste em representar algo mediante uma imagem.

Figura 5: As diferenças culturais



Fonte: (Karnopp; Rosa, 2011, p. 16)

A figura 5 retrata o momento após o nascimento do patinho surdo no ninho de cisnes e a surpresa dos pais ao verem que o patinho se difere dos outros filhotes em termos de aparência e linguagem. Ao analisarmos a figura 5, percebemos uma discussão sobre como pode ser difícil para uma criança surda lidar com o processo de recepção até que ela reconheça sua cultura e identidade. Observe-se na história **Patinho Surdo** que a mãe cisne deseja boas-vindas ao novo patinho, mas o patinho surdo sinaliza em vez de falar, o que assusta os pais cisnes.

A partir dessa imagem, nota-se que as asas mostram as condições linguísticas do patinho ao sinalizar para os pais e assume a representação visual na figura, em que as asas se transformam em mãos, iniciando a língua de sinais. Além disso, apesar do fato de os pais cisnes não terem conseguido interagir com o patinho surdo, a conexão entre os personagens é evidente com a ajuda da língua de sinais.

Segundo Strobel:

Para essa comunidade ouvinte, o nascimento de uma criança surda é uma catástrofe porque estão acostumados com padrão “normalizador” para integrar à vida social e também desconhecem o “mundo dos surdos”. Por outro lado, na maioria das vezes, o povo surdo acolhe o nascimento de cada criança surda como uma dádiva preciosa e não agem como os pais ouvintes que sofrem exageradamente o desapontamento inicial de gerarem seus filhos surdos, isto é evidenciado nas várias gerações de famílias com todos os membros surdos (Strobel, 2008, p. 23).

Para a autora, o discurso ouvintista afirma que para ser bem integrada à sociedade a pessoa surda deve se adaptar à cultura dos ouvintes. Isso é necessário porque só assim ele

poderá viver normalmente. Nesse sentido, o livro em análise neste trabalho demonstra uma função pedagógica do texto literário ao abordar os valores culturais relacionados à ideia de ser surdo. Além disso, a literatura infantil é um importante aliado para os alunos entenderem as diferenças culturais das comunidades. Isso permite que a criança pense sobre as várias maneiras de interagir, respeitando as diferenças culturais. De acordo com Abramovich, “ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico” (2006, p. 143). Segundo a autora, a partir daí, ela tem a capacidade de refletir, duvidar, perguntar e questionar, além de se sentir inquieta, curiosa ou ciente de que sua opinião pode mudar.

Conforme Strobel, “para o sujeito surdo ter acesso às informações e conhecimentos e para construir sua identidade é fundamental criar uma ligação com o povo surdo que usa a sua língua em comum: a língua de sinais” (2008, p.44). Em concordância com essa afirmação, está o patinho surdo quando, “foi ao encontro dos amigos e começou a fazer alguns sinais: “Oi! Tudo bem?”. Eles responderam: “Oi! Tudo bem!” Estamos felizes em reencontrá-lo!” (Karnopp; Rosa, 2011, p.21). Ele se sentiu incluído na sua comunidade.

De acordo com Strobel (2008), uma das principais marcas da identidade de um povo surdo é a língua de sinais, que é uma característica da cultura surda e capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, é a língua que leva os surdos a transmitir e obter conhecimento universal. Strobel afirma que “a criança surda faz parte da cultura surda, do povo surdo e tem câmbio com a cultura do povo ouvinte” (2008, p.97). Para a autora a educação inclusiva nas escolas inclui não apenas pessoas surdas, mas também educação para todos. Mas que “infelizmente a maioria das escolas seguem espaços não preparados para estas diferenças culturais, como é o caso na inclusão de alunos surdos em escolas regulares” (Strobel, 2008, p.99). Para a autora essas escolas não sustentam as identidades culturais do povo surdo, por isso, elas enfrentam problemas de subjetividades e dificuldades de adaptação.

Com isso, as adaptações em Libras, como a obra analisada neste trabalho, são imprescindíveis, pois, segundo Mourão, “tais materiais contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços, já que são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda” (2012, p.3). Para o autor essas adaptações culturais são o resultado de mudanças e substituições claras de questões culturais e linguísticas ao passar de uma cultura já existente para uma cultura surda.

Partindo desse pressuposto, segundo Mourão (2012), em décadas passadas, o povo surdo e a comunidade surda viviam apenas em sinais, transmitindo histórias de geração em geração. No entanto, com a chegada dos sistemas de escrita e recursos tecnológicos, livros e acervos agora podem ser enviados para bibliotecas e universidades com segurança, sendo

verificados e registrados, isso é um benefício para uma era moderna. E os professores podem melhorar o ensino através da literatura surda, levando os alunos a entenderem o conteúdo, usufruindo desse recurso didático e paradidático, principalmente para alunos surdos.

Com esses avanços, podemos conhecer mais sobre a cultura através das obras literárias como **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011), que registra e resgata o cotidiano de um indivíduo surdo sempre mostrando a importância de conhecer sobre sua cultura e a relevância de ter uma educação inclusiva. Nesse sentido, Strobel afirma que “a inclusão é mais difícil quanto as crianças surdas não estão preparadas e ficam totalmente à mercê dos professores não usuários de língua de sinais e de colegas ouvintes que fazem muitas brincadeiras rotineiras da cultura ouvinte como por exemplo o “telefone-sem-fio” (2008, p.102). Para a autora os alunos surdos não são frequentemente atendidos por professores qualificados.

Strobel afirma também que “são raros os professores habilitados para trabalhar com os alunos surdos em sala de aula” (2008, p.102). Para a autora os sujeitos surdos são os que estão perdendo com tudo isso, que em vez de aprender, as crianças surdas criam mais dúvidas e perguntas. Conforme a autora, “a criança surda necessita de professores surdos, usuários naturais de língua de sinais e cultura própria em seu processo de construção de identidade e educacional” (Strobel, 2008, p.104). A autora também defende da importância de ter escolas para surdo em que acredita que os sujeitos surdos interajam com os outros surdos e que a formação do indivíduo como sujeito permite que os semelhantes se encontrem para formar sua identidade cultural, isso explica por que eles defendem a necessidade de escolas para surdos.

Segundo Rosa, “o professor ouvinte faz tudo para o surdo, mas desvaloriza suas contribuições. Quando as explicações, feitas em uma língua incompreensível, não surtem efeito, o surdo é rotulado como preguiçoso, como alguém que não se esforça para aprender” (2006, p.61). Para o autor, devido ao fato de a maioria dos professores ouvintes não ter um bom conhecimento da Língua de Sinais, tem dificuldades de tornarem seus alunos autossuficientes. Além disso, esse fracasso significativo no ensino da escrita e da leitura aos alunos surdos resulta na falta de interesse em aprender a ler e escrever, pois a escola não fornece acompanhamento necessário e, conseqüentemente, os alunos não aprendem.

Na obra analisada neste trabalho, na figura 2, há uma passagem bastante significativa quando se observa que o patinho surdo, ao se aproximar com os outros patinhos, sinaliza, “Oi!”. Os patinhos responderam ‘Oi!’. Começou a observar que eles tinham o seu jeito, as suas cores, o mesmo bico, mesmo olhar! Aos poucos o patinho surdo começou a aprender a

Língua de Sinais” (Karnopp; Rosa, 2011, p.17). Nota-se que o comportamento e a visão do mundo dos surdos são diferentes dos ouvintes. Segundo Schlemper, “o aprendizado de uma língua requer que o indivíduo tenha contato com a língua propriamente dita e não apenas com fragmentos dela, mas o contato direto e contínuo com a língua nativa que se deseja aprender e ensinar” (2008, p.15). Para a autora é sinalizando que se aprende a sinalizar.

Evidencia-se que o **Patinho Surdo**, após ter seu primeiro contato com seu semelhante, sentiu que pertencia a uma cultura diferente dos pais cisnes. De acordo com Schlemper; “as histórias envolvem, retêm a atenção, fomentam a imaginação, trabalham a concentração e possibilitam o desenvolvimento vocabular/sinalar³, além de dar acesso a uma gama de informações” (2008, p.15). Para a autora as pessoas não apenas adquirem vocabulário novo, mas também naturalmente obtêm toda uma estrutura da língua durante a história, permitindo conhecer novos conceitos.

Portanto, cabe ao educador utilizar livros de literatura em Libras como recurso de ensino e aprendizagem, permitindo aos alunos surdos acesso à Literatura Surda no desenvolvimento da linguagem. Além disso, a educação bilíngue de surdos começa com o aprendizado da língua de sinais na infância para que a criança possa utilizar a linguagem para apoiar seu desenvolvimento cognitivo. Após isso, a criança é ensinada a língua escrita majoritária.

De acordo com Strobel:

Mesmo que existam os diferentes grupos culturais, cada grupo não vive isolado, em seu mundo particular, mas sim todos os grupos convivem e passam por conflitos em emaranhado de relações. E é por isso que todo grupo cultural, dentro de suas peculiaridades deve aprender que não há ninguém melhor que ninguém, mas sim de sujeitos diferentes que devem ser considerados coletivamente com todas as suas singularidades. Essas particularidades não devem ser ignoradas, e sim reconhecidas no âmbito da identificação pessoal e cultural! (Strobel, 2008, p.112).

Segundo a autora, “essas particularidades não devem ser ignoradas, e sim reconhecidas no âmbito da identificação pessoal e cultural” (Strobel, 2008, p.112). Tendo em conta as particularidades dos alunos e os recursos de compreensão do conhecimento, a criança surda, quando é incluída em uma sala de aula com ouvintes, entra em contato com outras culturas, outras formas de ver e ouvir o mundo. Isso leva a criança a desenvolver a empatia e o respeito por outras pessoas que têm hábitos de linguagem e visões de mundo diferentes. Nesse sentido, a obra em análise neste trabalho demonstra a importância de ir mais além, obtendo uma formação continuada, seja teórica ou prática, aumentando a confiança e desenvolvendo habilidades e competências profissionais.

³ **Sinalar** - Ação de distinguir um objeto ou uma pessoa por meio de sinal

3.2 Linguagem verbal e ilustração na obra de Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp

A obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) narra a história de um pato surdo que nasce em um ninho de cisne e não consegue se adaptar. Ao longo da história, o protagonista encontra a sua família que compreende sua linguagem. O texto aborda sobre as variações linguísticas na família e na sociedade e a importância do papel do intérprete na comunicação entre surdo/ouvintes. Desde o início, o personagem não consegue se comunicar porque não está em um ambiente em que tem a mesma comunicação de linguagem.

A obra apresenta também ilustrações que auxiliam a leitura, enfatizando o valor das experiências visuais para os surdos. Segundo os autores Salisbury e Styles, “os livros ilustrados são simultaneamente objetos de arte e a principal literatura da infância, oferecendo drama para os leitores por meio da interação entre as narrativas visuais e verbais” (2013, p.75). Para os autores o livro infantil ilustrado é um conjunto de ilustrações articulado a um texto escrito que produzem múltiplos efeitos de sentido e é um gênero que merece muito ser reconhecido e trabalhado com as crianças.

O livro infantil ilustrado deve ser lido como um texto híbrido, verbal-visual, em que as ilustrações e o texto dialogam entre si, permitindo uma experiência de leitura divertida e educativa para as crianças, além de desenvolver um amor pela leitura desde cedo. O texto é escrito em português, o que indica que os surdos podem usar a língua escrita. Além disso, os ouvintes aprendem a língua de sinais por meio da sinalização, o que lhes permite conhecer outras culturas. No início da história, houve um surgimento de trocas dos ovos entre os ninhos dos personagens cisnes ouvintes e os ninhos do casal de patos surdos na Lagoa dos Patos.

Figura 6: Mamãe pata quando foi desovar



Fonte: (Karnopp; Rosa, 2011, p. 11)

Na figura 6, a mãe pata estava passeando pela lagoa quando, de repente, sentiu cólicas para desovar, ela não conseguiu voltar ao seu ninho original e desovou em um ninho diferente. O ninho em que a mãe pata desovou pertencia a um cisne falante de outra língua. Como resultado, o ninho é o local onde começa o conflito da história.

Além disso, essa representação de patos surdos e cisnes ouvintes indica a existência de mundos com línguas e culturas distintas. Assim, a literatura surda adaptada surge como um novo tipo de literatura que revela um espaço de protesto e possibilidades, cheio de contradição e valores. E isso não apenas oferece novas leituras e perspectivas, mas também oferece uma oportunidade de transformar a existência por meio da diferença.

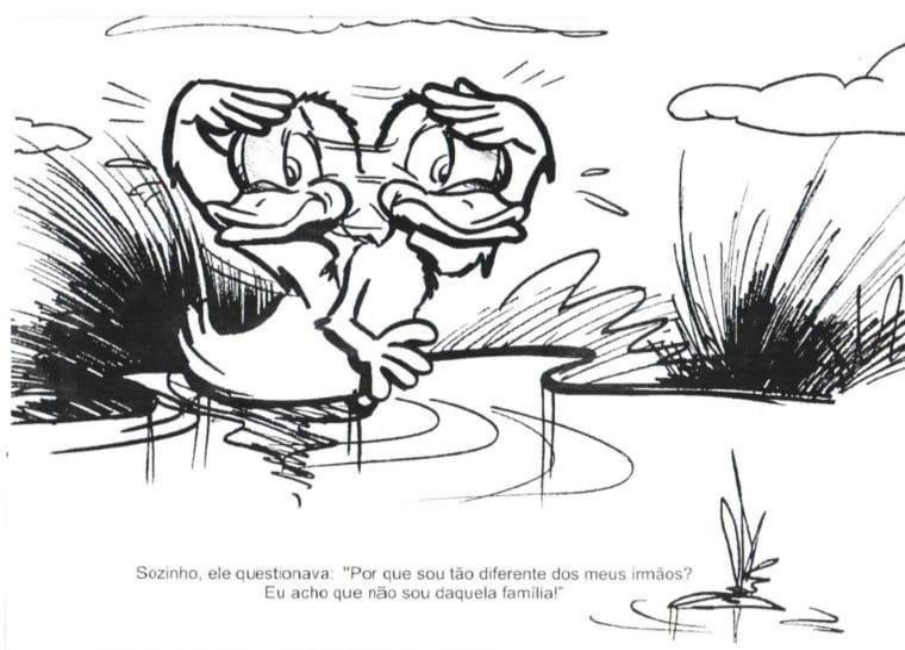
A literatura surda, tanto por meio da escrita quanto pela sinalização, pode ser um meio de transmitir as opiniões dos sujeitos em um determinado grupo social porque, de acordo com Karnopp:

A literatura surda está presente na comunidade surda e é socialmente relevante o registro dessas histórias, pois pode proporcionar, principalmente às escolas, um material baseado na cultura das pessoas surdas. O trabalho de registro de histórias contadas por surdos, apresenta toda a complexidade exposta anteriormente. É primeiro passo, porém, registrar a ficção e o imaginário dessa comunidade, envolvendo surdos e tradutores, no registro das histórias em sinais (Karnopp, 2006, p.107).

Partindo desse pressuposto, por meio da literatura surda os valores culturais e linguísticos dos surdos são expressos e reconhecidos. Isso resulta em um ambiente em que a perspectiva social da existência do sujeito surdo é expressa e aceita. Isso dá à sociedade uma oportunidade de refletir criticamente sobre seus valores e diferenças.

A comunidade surda encontra muitos desafios, dentre eles a dificuldade de ser compreendido pelos outros, a falta de empatia. O ato de se colocar no lugar do outro se refere a tentar imaginar como a outra pessoa se sente e pensa, a fim de compreendê-la melhor. Assim, se colocar no lugar de um surdo não é fácil para um ouvinte, já que o surdo está inserido em uma comunidade com aspectos culturais diferentes. O surdo possui uma identidade própria, como podemos observar na figura a seguir.

Figura 7: Patinho surdo sentindo as diferenças físicas e linguísticas



Fonte: (Karnopp; Rosa, 2011, p. 18)

Os irmãos cisnes questionavam o patinho surdo sobre porque ele era tão diferente de todos. Sua mãe cisne até tentou ensinar a língua oral, mas sem êxito. A figura 7 aponta que, em certo dia, o patinho surdo e seus irmãos cisnes são levados para a lagoa por seus pais, onde todos os filhotes cisnes ouvintes aprendem a cantar. Neste momento, o patinho se isola por não saber vocalizar. Por ser desprezado por suas diferenças físicas e linguísticas, sentiu que não pertencia àquela família e que ali não era seu lugar e foi passear em outro ambiente. Isso leva o leitor, principalmente o povo surdo, a pensar criticamente sobre sua própria

história e a história de sua comunidade, isto é, por muitos séculos, o ouvinte impôs uma língua oral ignorando a relevância a língua de sinais, além de desconsiderar a importância da perspectiva visual presente na Libras.

Após se isolar, o patinho surdo vai para outro lugar diferente da lagoa e, nesse seu trajeto, encontra uma família de patos que usam a língua de sinais. Observando como se comunicavam, ele ficou curioso e tentou se aproximar, cumprimentando-os em sinais. Ao se sentir conectado com o novo grupo, ele voltou ao lar dos cisnes e se perguntou se era ou não um membro pertencente àquela família de patos. No dia seguinte, ele decidiu ir ao encontro de seus novos amigos e foi bem recebido. Essa sequência da obra sugere que a familiaridade linguística permite a construção de práticas e experiências culturais pertencentes a uma identidade.

Em seguida, a mãe “pata pediu que todos olhassem para ela, porque queria contar um segredo. Ela sinalizou; “você e meu filho, e esses são seus irmãos! A história é esta: você nasceu em outro ninho[..]” (Karnopp; Rosa, 2011, p.21). O patinho surdo ficou espantado quando a mamãe pata explicou o que havia acontecido. A mãe pata pediu que chamasse a mãe cisne para explicar o que havia acontecido com a desova. Para que o problema fosse resolvido entre elas, chamaram o sapo intérprete para mediar a comunicação. O sapo intérprete, ao se apresentar como mediador, demonstra a necessidade de investir na formação de profissionais para atender à demanda da comunidade surda, como pudemos perceber na figura 4.

A obra analisada demonstra como a realidade da pessoa surda pode ser complicada frente a uma sociedade que ignora diferentes meios de se comunicar. Na obra, existe uma articulação entre o texto verbal e as ilustrações que destaca a sinalização como identidade linguística do surdo.

Diferentemente da história da qual foi adaptada, original, a obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) traz a diferença linguística como um componente fundamental do conflito para mover o enredo, visto que o protagonista usa o meio visual espacial para se diferenciar da língua oral. As duas obras apresentam algo semelhante: os protagonistas enfrentam conflitos internos e não se identificam com um grupo ao qual pertencem. **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) retrata a vida cotidiana dos surdos e **Patinho Feio** (Andersen, 1996) mostra ao leitor que a intolerância pode surgir em várias situações de desrespeito às diferenças.

A obra analisada também reflete várias histórias da vida cotidiana dos surdos, como, por exemplo, o nascimento de um filho surdo em uma família ouvinte, como a família faz o primeiro contato com os surdos e a importância do conhecimento da língua de sinais. A obra

demonstra que o surdo possui uma identidade específica. Sua forma de ver e viver o mundo é diferente da de um ouvinte. O modo como as pessoas surdas entendem a si próprias influencia sua maneira de se portar, agir e reagir no mundo em que vivem. A identidade de uma pessoa surda é construída no decorrer de sua vida e sofre influência de uma série de fatores, como a convivência com suas famílias, o possível contato com comunidades surdas, seu grau de inserção nessa comunidade e a relação com a cultura ouvinte.

Figura 8: A volta para casa



O patinho surdo estava feliz em conhecer sua família e a Língua de Sinais da Lagoa!
E assim, na Lagoa dos Patos, patos e cisnes viveram felizes!

Fonte: (Karnopp; Rosa, 2011, p. 22)

Como é possível perceber na figura 8, através do sapo intérprete, todo o problema foi resolvido, a lagoa recuperou sua calmaria e as famílias de patos e cisnes voltaram felizes para casa. Ao ser incluído na sua comunidade, o patinho surdo sentiu-se pertencente àquela família, reconhecendo a sua própria identidade.

Por meio da criação de associações surdas e, principalmente, dos movimentos surdos, esse público começou a se perceber como diferente, e não deficiente, e que são grupos de pessoas vivendo em uma cultura que representa suas identidades e diferenças. A obra em análise desta pesquisa, nos ensina que os surdos contam suas próprias histórias, reconstruindo e reconhecendo sua cultura enquanto lutam para construir e registrar sua própria história.

O **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) apresenta várias especificidades da cultura surda, como a língua, os costumes, hábitos, as diferenças linguísticas entre surdo/ouvinte e a busca de fortalecer sua identidade cultural. Ao conhecer a identidade surda, percebemos que a forma pela qual a pessoa olha para si faz toda a diferença em relação à sua qualidade de vida. Por essa perspectiva, podemos entender a literatura surda como um espaço de interlocução entre o autor, leitor e texto, portanto, pode ser um recurso educacional que ajuda a tornar as instituições mais acessíveis e bilíngues para as crianças.

Figura 9: Sinal em Libras do Patinho Surdo



Fonte: (Karnopp; Rosa, 2011, p. 2)

Na Figura 9, o protagonista demonstra o sinal em Libras referente ao título do livro, que em língua portuguesa significa **Patinho Surdo**. O próprio contexto criado pela ilustração permite que o leitor se situe na história, diante do protagonista da narrativa, fazendo com que suscite a curiosidade sobre o que virá nas páginas seguintes. Desde a folha de rosto, os autores do livro já apresentam sua proposta de construção de um diálogo entre Libras e Língua Portuguesa.

As crianças são mais propensas a aprender novas línguas na infância e a introdução de um idioma como a Libras permite que elas interajam umas com as outras. Além disso, será possível demonstrar a elas o quão importante é que a comunidade surda seja incluída na sociedade. Podemos observar, nas figuras 9 e 10, que o livro propõe para os leitores crianças

atividades dinâmicas de interação, estimulando o aprendizado da língua de sinais, oferecendo a elas atividades lúdicas e divertidas.

Figura 10: Glossário com sinais em Libras e sua correspondência em língua portuguesa



Fonte: (Karnopp; Rosa, 2011, p. 26)

A figura 10 apresenta um glossário com sinais e suas correspondências em língua portuguesa. São apresentados conceitos-chave para a compreensão da obra, desse modo, há um convite para o aluno ouvinte aprender língua sinais e para o aluno surdo aprender a língua portuguesa, tornando assim, um recurso educacional útil para ensinar as duas línguas Libras/Português.

O brincar é sempre agradável. Além de promover a inclusão social, essa interação de sinais em libras, que não depende da prática da audição, permite que as crianças aprendam

juntas e compartilhem momentos que ficarão para sempre na memória delas. Ensinar Libras na escola é uma oportunidade de demonstrar ainda na infância o valor da inclusão sem preconceito ou exclusão. As crianças que aprendem a respeitar os outros e aceitam as diferenças têm o potencial de construir uma sociedade mais acessível a todos.

A crescente presença de surdos nas escolas regulares exige que uma educação os considere não apenas como indivíduos presentes nos ambientes escolares, mas como sujeitos com direitos, com suas próprias percepções do mundo, para os quais é importante que haja métodos de ensino que devem ser incentivados pelos educadores. Como já sabemos, a Lei garante uma inclusão, mas para que realmente tenha um impacto no ensino-aprendizagem, os alunos surdos e ouvintes precisam de professores com treinamento especializado.

Aprender Libras é importante para se comunicar com pessoas surdas. Portanto, as figuras 9 e 10, com sinais em libras, são exemplos de ações pedagógicas construtivas no processo social, pois podem ser levadas para dentro da sala de aula para auxiliar no ensino. A maioria das crianças é observadora, portanto, quando novas técnicas de ensino visual são apresentadas, elas mostram curiosidade e apreciação, o que ajuda a entender melhor o que está sendo ensinado.

Segundo Santaella, “as imagens são recebidas mais rapidamente do que os textos, elas possuem um maior valor de atenção, e sua informação permanece durante mais tempo no cérebro. Somos mais capazes de memorizar descrições de objetos e partir de imagens do que a partir de palavras” (2012, p. 109). Quando uma imagem é usada junto com uma informação, a mente humana pode entendê-la mais facilmente. Como podemos ver na figura 9, além de aprender a Língua de Sinais, os surdos também podem aprender a língua portuguesa escrita, assim como os ouvintes podem aprender Libras e desenvolver suas habilidades em português, pois os olhos não apenas transmitem informações para o cérebro, mas também permitem que ele pense nas imagens rapidamente.

As estratégias visuais são úteis no ensino da língua de sinais e da língua portuguesa para as crianças, por isso os professores devem incluir no seu planejamento livros infantis ilustrados em seus planos de aula. Ao ensinar, eles devem explorar e incorporar expressões visuais e corporais. Isso melhora a compreensão e aumenta a dinâmica da sala de aula, permitindo que os alunos interajam melhor com o que estão aprendendo.

Figura 11: Ilustração da finalização do livro



Fonte: (Karnopp; Rosa, 2011, p. 25)

A comunicação visual é o ponto chave para atrair os olhares das pessoas e transmitir a informação de maneira clara e objetiva. Na descrição do fim do livro, apresentada na figura 11, a sinalização do patinho surdo, que significa “Amo você” ou “*I love you*”, em inglês, é um símbolo universal da língua de sinais que remete a um sentimento de empatia, acolhimento e aceitação. A figura 10 destaca a importância das relações interpessoais, quando somos genuinamente abertos e atentos às nossas relações entendemos o quão profundas e úteis essas relações podem ser, tanto para fins pessoais quanto educacionais.

O conhecimento da perspectiva do outro é essencial para sobrevivência em uma sociedade. A empatia deve ser aplicada não apenas no dia a dia, mas também dentro da sala de aula, ao fornecer aos alunos a compreensão de que existe uma diversidade em todo o mundo e que compreendam que a diferença faz com que eles se tornem mais solidários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise da obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011) e nas pesquisas de estudiosos importantes da área sobre literatura surda, chegamos à conclusão de que a narrativa sobre a identidade surda deve ser fortalecida e que não devemos desistir dos esforços do povo surdo para ganhar espaço na sociedade.

Além disso, devemos pensar na formação dos professores Bilíngue Libras/Português, algo que é essencial para que uma educação bilíngue seja bem executada. As universidades têm um grande desafio para capacitar os profissionais da educação, criando estratégias de ensino, atividades e conteúdos personalizados para melhorar uma educação bilíngue, de qualidade. Portanto, para que o bilinguismo seja bem-sucedido, as pessoas que participam do processo educacional devem aceitar os desafios, acreditar em novas metodologias e continuar expandindo suas ações.

A partir da análise da obra **Patinho Surdo** (Karnopp; Rosa, 2011), podemos perceber que a literatura surda contribui para o desenvolvimento cultural e cognitivo do sujeito surdo. Além disso, ela é socialmente relevante, pois pode fornecer conteúdo baseado na cultura das pessoas surdas. Sendo assim, é uma excelente ferramenta para o trabalho nas escolas.

As ilustrações da obra analisada dialogam de forma criativa com o texto escrito, apresentando o enredo do livro, mostrando que os surdos usam a língua para defender sua própria identidade, com destaque para situações que muitos surdos vivem diariamente. O livro reforça a ideia de que os surdos são membros de uma cultura específica e que é importante o papel do intérprete como intermediário entre os surdos e os ouvintes. A noção também de que os surdos são sujeitos de uma cultura surda serve como base para esta abordagem de organização do discurso gráfico-visual.

Como resultado, a obra analisada é um recurso de excelente qualidade para a mediação da leitura literária, para leitores iniciantes surdos, assim como para leitores ouvintes. Além de desenvolver o letramento e a experiência dos estudantes surdos com a apropriação da obra literária, sua aplicação adequada produzirá resultados positivos. Por outro lado, é notório que as instituições de ensino que atendem a alunos surdos devem considerar a importância do uso da literatura surda na educação de seus alunos. Isso permite que os estudantes tenham acesso ao material literário produzido pela comunidade linguística cultural que os cerca.

Além disso, a conexão que o surdo estabelece com o mundo estimula o olhar e o imagético, o que torna mais fácil entender as imagens. Além disso, as características da adaptação literária da obra analisada se alinham com as diretrizes pedagógicas para o

atendimento educacional voltado para a inclusão dos surdos. Sabemos que ainda existe um longo caminho a ser percorrido para proporcionar um ensino bilíngue que garanta aos estudantes surdos uma posição de igualdade com os alunos ouvintes, mas para concluirmos essa jornada é preciso admitir que cada pessoa é única e que todos têm o potencial de ajudar a construir uma sociedade que busca igualdade, emancipação e autonomia.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. 5ª Edição. São Paulo: Scipione, 2006.

ANDERSEN, Hans Christian. O Patinho Feio. In. _ **Contos de Andersen** – ilustrações de Matthieu Blanchin, tradução Virginia Kuster Puppi – São Paulo: Paulus, 1996.

BAÚ, Marlene Alamini. **Formação de professores e a educação inclusiva**. Volume 02 - Número 10. Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia: Paraná, 2014.

BLOG CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto classifica educação bilíngue para surdos como modalidade de ensino**. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/774138-projeto-classifica-educacao-bilingue-para-surdos-como-modalidade-de-ensino/>>. Acesso em: 16/04/2023.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed., 8ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Cortez editora, 1989.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura Surda**. v.7, n.2, p.98-109. Campinas: ETD – Educação Temática Digital, 2006.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar (org.). **Letramento Visual e Surdez**. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2017.

MICHELS, Maria Helena. **A Formação de Professores de Educação Especial no Brasil: propostas em questão**. Florianópolis: ifsc/ced/nup, 2017.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de sinais**. IX ANPED Sul. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

ROSA, Fabiano Souto. Literatura Surda: criação e produção de imagens e textos. **Educação Temática Digital**, Campinas, v,7, n 2, p. 58-64, jun. 2006.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Patinho Surdo**. 2ª. Edição. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

SALISBURY, Martin; STYLES, Morag. **Livro infantil ilustrado: a arte da narrativa visual**. Tradução: Marcos Capano. 1ª ed. São Paulo: Rosari, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva: **A importância da Literatura Infantil em Libras no Desenvolvimento Infantil**: Edição Nº 20. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 202

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SUNRISE SCHOOL, Educação bilíngue. **Quais são os pilares da educação bilíngue?** Disponível em <https://www.sunriseschool.com.br/blog/educacao-bilingue/quais-sao-os-pilares-da-educacao-bilingue-.html>> Acesso em: 02/02/2023

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras**. Petrópolis/RJ: Editora Arara Azul, 2021.

Documento Digitalizado Público

Versão Final TCC II

Assunto: Versão Final TCC II
Assinado por: Gracielly Prado
Tipo do Documento: Documento de Formalização de Demanda
Situação: Finalizado
Nível de Acesso: Público
Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:
■ **Gracielly Silva Prado, AUX EM ADMINISTRACAO**, em 25/01/2024 11:18:34.

Este documento foi armazenado no SUAP em 25/01/2024. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 536958
Código de Autenticação: 0d9f5373e6

